

FAUNA TRIATOMINAE DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL. I — AS ESPÉCIES E DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA *

Ítalo A. Sherlock e Elizete M. Serafim

Este é a primeira de uma série de publicações sobre os triatomíneos do Estado da Bahia, com base nos dados obtidos na inspeção de 889.972 domicílios de 11.045 localidades do Estado, nos anos de 1957 a 1971, quando se coletaram 33.588 exemplares do hemíptero.

Foram identificadas 18 espécies pertencentes a 4 gêneros, conforme a seguir é relatado. Triatoma rubrovária, referida em antiga citação, não mais ocorre no Estado. Triatoma bahiensis perdeu sua validade específica, sendo considerada apenas uma variedade de T. pessoai. Existem também variedades de outras espécies, as quais serão estudadas com mais detalhes noutros trabalhos futuros.

Panstrongylus megistus é principalmente abundante na faixa litorânea do Estado, com florestas latifoladas, onde as condições de umidade são elevadas e o clima é tropical quente e úmido. É a espécie considerada de maior importância na transmissão da Doença de Chagas na Bahia.

T. brasiliensis foi encontrada comumente nas áreas de clima estépico com vegetação xerófila. A sua presença em áreas de clima tropical quente e úmido, foi traduzida como sendo uma variedade da espécie. O seu encontro em áreas de florestas latifoladas úmidas com clima de selvas, foi aceito como devido, possivelmente, ao transporte mecânico.

Verificou-se que T. infestans, antes limitada ao paralelo 16º nos climas mesotérmicos, está se disseminando, provavelmente por ação mecânica para áreas possuidoras de características climáticas diversas.

T. scrdida foi encontrada somente nas áreas de clima seco, seguindo de uma maneira geral o curso dos rios.

T. rubrofasciata permaneceu com sua distribuição limitada a duas cidades coloniais na zona litorânea, rarefazendo-se nestes últimos anos, provavelmente devido a higienização por que passam os locais de sua antiga penetração.

O gênero Rhodnius que é representado pelo R. neglectus, constou de um só exemplar coletado num domicílio, em zona de clima estépico, com vegetação xerófila.

Do gênero Psamolestes, foi considerada como a única espécie ocorrente o P. tertius. Esta espécie está disseminada por todo o Estado, dependendo provavelmente a sua distribuição da dos ninhos das aves nos quais colonizam.

As seguintes espécies também ocorrem, porém em menor densidade, às vezes sendo representadas por achados fortuitos, e tem limitadas áreas de distribuição no Estado: P. diasi, P. geniculatus, P. lutzi, T. costalimai, T. lenti, T. maculata, T. melanocephala, P. pessoai, T. petrochii e T. tibiamaculata.

* — Trabalho do Núcleo de Pesquisas da Bahia do Instituto de Endemias Rurais da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, e do Setor Bahia da SUCAM.

Recebido para publicação em 10.6.72.

A infecção natural do triatomíneo por flagelados é ainda a melhor indicação da distribuição geográfica da Doença de Chagas. Também a densidade de infecção natural de uma população do hemíptero é a mais acessível informação que se tem sobre a prevalência da doença na população humana que coabita com aqueles. Isso torna ainda mais importante o estudo dos triatomíneos, além do aspecto puramente zoológico.

Sabemos ser este um estudo incompleto da verdadeira fauna *Triatominae* do Estado da Bahia. Muitas coisas nos escaparam e deverão ser investigadas com referência aos triatomíneos. Do ponto de vista zoológico, a observação tem muito a dever; entretanto, do ponto de vista médico-epidemiológico, os nossos resultados poderão ser levados em consideração pois, pelo menos, as espécies que freqüentam o domicílio e por isso dotadas de maior importância na transmissão da Doença de Chagas, foram observadas com mais detalhes.

Apresentando parceladamente os resultados relativos a cada setor dos estudos que vimos obtendo, certamente facilitaremos a leitura, análise e conclusão das observações. Por isso, pretendemos abordar por etapas a sistemática, a distribuição geográfica, a morfologia, a biologia e a importância do ponto de vista médico e econômico dos transmissores de Doença de Chagas e também daremos os resultados das observações sobre o seu controle no Estado da Bahia.

MÉTODOS DE TRABALHO

Partindo de 1956, os levantamentos sobre os triatomíneos domiciliários feitos pelo ex-Departamento Nacional de Endemias Rurais, com a finalidade de aplicação de medidas profiláticas e também os realizados pelo Núcleo de Pesquisas da Bahia com o fito de verificação da ocorrência de espécies em determinadas áreas, forneceram-nos vultoso acervo de dados, os quais são computados para as conclusões que tiramos no presente.

Os triatomíneos foram procurados e capturados principalmente no domicílio humano, em extensa área do território baiano, tendo-se por esse meio, pelo menos,

amostras representativas colhidas em todos os tipos das regiões do Estado.

Infelizmente, as pesquisas nos ecótopos silvestres não foram tão acentuadas. Realizamos algumas investigações em ninhos de aves, locas de pedras, ninhos de roedores silvestres, tronco de árvores e outros locais. Estas nos forneceram dados para nos dar somente uma idéia das espécies dos triatomíneos que ali vivem.

Para os inquéritos de reconhecimento total com finalidades profiláticas, empregavam-se insetifugos à base de piretro, os quais têm excelente capacidade de desalojamento do triatomíneo das paredes, frestas ou outros esconderijos do domicílio (Figs. 1 e 2). Por outro lado, muitas vezes foram feitas apenas inspeções diretas.

O inseto podia ser visto pousado nos esconderijos e, quando não estimulado pelo desalojante, o qual sempre o deixava atordoado e irritado, ficava parado, ou vagorosamente procurava esconder-se. As vezes saía correndo, mas na maioria das ocasiões, era possível fazer-se a sua captura com pinças.

Espécies outras com hábitos não domiciliares podiam ser encontradas nas frestas de pedras, entre cascos de estacas que formavam cercas de currais de animais, ou por último, o *Psamolestes*, em ninhos de aves (Figs. 3 e 4).

Exemplares eram selecionados para servirem de amostras representativas de cada área, e guardados para estudos mais minuciosos posteriores. Outros espécimes eram selecionados para obtenção de ovos, com a finalidade de manutenção de colônias em laboratório.

Na identificação específica mais superficial e de rotina, eram levados em consideração o aspecto geral, o tamanho, a coloração, o tipo das manchas do conexivo e outros caracteres.

Tivemos que fazer um estudo do aparelho genital do hemíptero, a fim de atualizarmos o nosso método de identificação para o critério agora adotado, baseados principalmente nos trabalhos de Dupuis (21-22) e nos de Lent & Juberg (36, 37, 38). Os resultados destes estudos serão apresentados oportunamente em outras contribuições sobre os triatomíneos da Bahia.

HISTÓRICO SOBRE OS TRIATOMÍNEOS DA BAHIA

Na literatura sobre a ocorrência de triatomíneos dentro dos limites geográficos do Estado da Bahia, existem bons trabalhos, e alguns de longas datas escritos.

A citação pela primeira vez para a Bahia, de exemplares de triatomíneos, que no caso foi o *Panstrongylus megistus*, deveu-se a Brumpt e Pirajá da Silva (10) para a localidade de Mata de S. João.

Em 1915 e 1916 outros investigadores encontraram triatomíneos na região do Rio São Francisco (39, 48).

Em 1923, Neiva e Pinto comentavam que a Bahia era o Estado brasileiro que apresentava maior número de espécies de triatomíneos, abrangendo na época um total de dez (50).

Após cerca de vinte anos, Pondé, Mangabeira e Jansem (53) capturaram triatomíneos na Bahia, iniciando outra fase de pesquisas. Leal Costa (15), ao estudar os triatomíneos da Cidade de Salvador, fez uma completa revisão histórica sobre as espécies assinaladas para o Estado, até o ano de 1955.

Em 1955 Aragão e cols. ampliaram a distribuição geográfica dos triatomíneos da Bahia e trataram do índice de infecção natural pelo *T. cruzi*. Continuando este trabalho, nossas observações se processaram (56, 57, 58).

Com base nessa consulta bibliográfica e com os dados que aqui relatamos, atualizamos a lista de espécie e a distribuição geográfica dos triatomíneos assinalados até o ano de 1971 para este Estado (Tabelas I e III).

As espécies e suas denominações científicas são conservadas no presente trabalho como são conhecidas classicamente e citadas por diversos Autores. Salientamos que muita coisa, posteriormente, terá de ser feita de observação isolada, pois que como aconteceu com *Triatoma maculata* que primeiramente foi assinalada como existente no Brasil, tendo sido depois constatado que os exemplares aqui coletados deveriam ser a nova espécie *Triatoma pseudomaculata* Correia & Spinola, 1965, outras espécies poderão vir a ser classificadas.

Neste Estado temos exemplares dessa espécie com aspectos morfológicos variáveis. Os nossos estudos ainda não conclui-

ram tratar-se realmente de uma ou de mais espécies, ou de quais espécies essas variedades seriam. Não mais foi possível determinarmos qual o tipo de "*maculata*" que ocorria em determinada localidade pois, anteriormente, as variações morfológicas não eram por nós levadas em muita consideração. Por isso, esses tipos variáveis de hemiptero serão todos designados neste trabalho como *Triatoma maculata* Erickson, 1948. Outros casos semelhantes também ocorreram com outras das espécies dos triatomíneos aqui existentes e serão considerados da mesma forma.

Em referência às denominações populares dos triatomíneos, o termo "barbeiro" só era empregado nas cidades maiores, onde a designação já havia sido ensinada por pessoal dos serviços de Saúde. Essa palavra portanto, não designa popularmente o hemiptero no norte do Brasil e especialmente, no Estado da Bahia.

Diversos outros nomes populares eram usados para referirem os triatomíneos, tais como chupão, bicho de parede, procofó, capturama, tampa de alforge, percevejo, fincão borrachudo, etc.

AS ESPÉCIES DO ESTADO DA BAHIA

Foram realizadas capturas de triatomíneos durante os anos de 1957 a 1971, em 889.972 domicílios de 11.045 localidades do Estado da Bahia (Tabela II). Investigou-se, assim, grande extensão territorial do Estado onde a densidade populacional humana era significativa e onde os transmissores da Doença de Chagas poderiam ter maior importância de ponto de vista médico sanitário (Figs. 7 e 8).

Além das capturas domiciliares, foram também realizadas algumas investigações em ecótopos silvestres, sendo este o assunto de uma publicação futura.

Dos 889.972 domicílios investigados, em 7.696 foram encontrados 33.588 triatomíneos, sendo que em grande parte da área investigada o hemiptero se fez presente, embora diferindo em espécie e densidade, de acordo com a região.

O índice de infestação domiciliar global para o Estado está bastante diluído e foi de 1%. Entretanto variou de acordo com a localidade, tendo algumas com índices de infestações elevadíssimos, atingindo cifras de 50% a mais (Tabela II).

Fora de dúvidas algumas áreas eram mais ricas em espécimes do hemiptero, embora às vezes pobres em espécies. Mesmo levando-se em consideração que certas áreas, por motivos de importância médico-sanitária, tenham sido mais trabalhadas que outras, realmente houve predominância de *Panstrongylus megistus* e *Triatoma sordida* para a fauna do Estado. Algumas espécies são bastante raras e só ocasionalmente poucos exemplares delas foram coletadas (Tabela III).

Consideramos agora como ocorrentes no Estado da Bahia as seguintes espécies, já citadas em literatura ou por nós aqui mencionadas pela primeira vez, pertencentes a quatro gêneros:

	Espécies	Exemplares coletados
a) —	<i>Panstrongylus</i>	
1 —	<i>P. diasi</i> (Pinto & Lent, 1946)	17
2 —	<i>P. geniculatus</i> (Latreille, 1811)	29
3 —	<i>P. lutzii</i> (Neiva & Lutz, 1923)	62
4 —	<i>P. megistus</i> (Burmeister, 1835)	22.032
b) —	<i>Rhodnius</i>	
1 —	<i>R. neglectus</i> Lent, 1940	1
c) —	<i>Triatoma</i>	
1 —	<i>T. bahienses</i> Sherlock & Serafim, 1967	5
2 —	<i>T. brasiliensis</i> Neiva, 1911	1.405
3 —	<i>T. costalimai</i> Verano & Gaivão, 1958	4
4 —	<i>T. infestans</i> Klug, 1834	1.310
5 —	<i>T. lenti</i> Sherlock & Serafim, 1967	56
6 —	<i>T. maculata</i> Erickson, 1848	894
7 —	<i>T. melanocephala</i> Neiva & Pinto, 1923	68
8 —	<i>T. pessaí</i> Sherlock & Serafim, 1967	52
9 —	<i>T. petrochii</i> Pinto & Barreto, 1925	16
10 —	<i>T. rubrofasciata</i> (De Geer, 1773)	474
11 —	<i>T. sordida</i> (Stal, 1859)	8.314

12 —	<i>T. tibiamaculata</i> -- Pinto, 1926	2
13 —	<i>Triatoma</i> sp.	11
d) —	<i>Psamolestes</i>	
1 —	<i>T. tertius</i> -- Lent & Juberg, 1965	836

A maioria das espécies já tinha sido assinalada para o Estado da Bahia, por diversos Autores, conforme demonstramos na Tabela I. Entretanto, são aqui assinaladas pela primeira vez: *Panstrongylus diasi* e *Triatoma costalimai*. De nossas observações também foram anteriormente assinalados *Triatoma petrochii* e *Triatoma tibiamaculata* (56, 57). Encontramos o gênero *Rhodnius* pela primeira vez e descrevemos as novas espécies *Triatoma lenti*, *Triatoma pessaí* e *Triatoma bahienses* (58).

Triatoma bahienses, que foi há pouco tempo descrita, deve perder a sua validade específica pois, no máximo, poderá ser considerada uma variedade de *Triatoma pessaí* e sobre ela falaremos especialmente no futuro.

Existe uma única citação de *Triatoma rubrovaria* para o Estado da Bahia. Como salienta Lucena (40), o registro já é antigo, provavelmente devido a uma importação ocasional, sem que a espécie sulina houvesse se adaptado nesta região. Portanto, não pode ser considerada como espécie que realmente ocorre neste Estado.

A fauna baiana de triatomíneos, embora havendo inúmeros trabalhos a respeito, estava mal conhecida e sabemos agora ser representada quase pela maioria das espécies existentes no Brasil.

A seguir apresentamos uma chave prática para a identificação das espécies aceitas como ocorrentes no Estado da Bahia.

CHAVE PRÁTICA PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ESPÉCIES DE TRIATOMÍNEOS DO ESTADO DA BAHIA

1 —	Calosidade pos-ocular presente	
 gênero <i>Psamolestes</i>	
 <i>P. tertius</i>	
—	Calosidade pos-ocular ausente	2
2 —	Antenas implantadas na base da região ante-ocular	
 gênero <i>Panstrongylus</i>	3
—	Antenas implantadas no meio da região ante-ocular	
 gênero <i>Triatoma</i>	6

- Antenas implantadas no ápice da região ante-ocular
..... gênero *Rhodnius*
R. neglectus
- 3 — Espécie de cor negra com marcações vermelhas ... *P. megistus*
— Espécie de cor palha e marcações escuras
- 4 — Cabeça com duas faixas escuras longitudinais; lobo anterior do pronoto com desenhos delicados e exóticos
..... *P. geniculatus*
— Cabeça de colorido uniforme; lobo anterior de pronoto de colorido uniforme ou sem desenhos característicos
- 5 — Lobo anterior do pronoto com tubérculos bem salientes; manchas escuras do conexivo poligonais *P. lutzi*
— Lobo anterior do pronoto sem tubérculos; manchas escuras do conexivo triangulares ... *P. diasi*
- 6 — Espécies pequenas, fêmea no máximo com cerca de 2cm. de comprimento
— Espécies bem maiores que dois centímetros
- 7 — Conexivo com marcações negras semelhantes a notas musicais ..
..... *T. sordida*
— Conexivo com marcações sem aspecto de notas musicais
- 8 — Cabeça bem mais longa que o pronoto *T. petrochii*
— Cabeça mais curta que o pronoto *T. maculata*
- 9 — Tibias claras com anelações; duas faixas brancas longitudinais no pronoto
..... *T. tibiamaculata*
— Tibias escuras
- 10 — Trocânteres e base dos fêmures de cor clara, contrastando com as outras partes ... *T. infestans*
— Trocânteres e base dos fêmures escurecidos e sem contrastes de coloração nítida
- 11 — Conexivo com manchas escuras dominantes e manchas claras estreitas, localizadas quase somente nos bordos externos
— Conexivo com manchas negras e claras dirigindo-se do bordo interno ao externo
- 12 — Cabeça mais longa que o pronoto; manchas claras do conexivo localizadas totalmente nos bordos externos, muito estreitas
..... *T. costalimai*
— Cabeça mais curta que o pronoto; manchas claras do conexivo localizadas nas articulações dos segmentos, prolongando-se para o bordo interno
- 13 — Pronoto com manchas circular isolada em cada lado, manchas escuras do conexivo predominantes e de desenhos poligonais ..
..... *T. melanocephala*
— Pronoto sem manchas circulares e quando existem são longitudinais; manchas escuras do conexivo não dominantes e de desenhos quadrangulares
- 14 — Cor predominante negra, sem marcações no lobo pronotal e nas patas
Cor predominante palha; córion com manchas claras e geralmente manchas nas patas formando anéis *T. brasiliensis*
- 15 — Manchas do conexivo grandes, de cor vermelho-laranja
..... *T. pessoai* - *T. bahiensis*
— Manchas do conexivo pequenas, de cor palha *T. lenti*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA NA BAHIA

A área geográfica compreendida entre os limites políticos do Estado da Bahia localiza-se para dentro dos paralelos 8º e 18º de latitude sul e os meridianos 37º e 47º de longitude W GR. Essa área é rica em espécies de triatminecs. Isso provavelmente deve-se à diversidade dos tipos de zonas climáticas aqui existentes, com estruturação de solos e vegetações diversas, formando áreas ecológicas individualizáveis.

Tricart, em 1959 (60), num estudo geoclimático sobre o nordeste brasileiro, chama a atenção para um fato típico, que considera essencial para a área em questão e que impressiona até ao menos experiente dos observadores: é a brutalidade da passagem de uma zona climática a

outra. Em pequeno percurso, muda-se da zona de mata litoral para a do agreste. Podem assim ser delimitados os quatro principais tipos de zona que são os seguintes:

a) — *Zonas de mata* — Possuem densa cobertura florestal. O solo é profundo, tendo a espessura de 10 a 20m, repousando freqüentemente sobre uma rocha decomposta sem coerência. São solos formados de argilas latericas, vermelhas e amarelas, ricas em residuo de quartzo. A pluviosidade é aí considerável e bem distribuída, permitindo uma intensa alteração bioquímica superficial do solo.

b) — *Zonas de sertão* — Caracterizadas por vegetação xerófila, composta de arbustos, quase sempre espinhosos, de plantas suculentas e gramíneas temporárias. As colinas rochosas isoladas, de forma abruptas, dominam as planícies onduladas. As chuvas são praticamente limitadas a um período do ano e há variaçã de temperatura com resfriamentos bruscos durante os aguaceiros. Corresponderia a zona da Caatinga.

c) — *Zonas agreste* — Com características intermediárias das duas zonas anteriores. A menor precipitação pluvial traz como consequência a substituição da mata pelo campo cerrado. Os solos são mais delgados que os da mata, atingindo cerca de 1 a 3m de espessura, são silicosos e ricos em restos minerais, quartzo e cristais de mica.

d) — *Zonas de mata de cipó* — (de transição).

Caracterizam-se pela sucessão alternada de períodos secos e úmidos. Nos períodos úmidos cobre-se de florestas as quais, durante os períodos de estio, não podendo sustentar-se, são substituídas por vegetação esparsa.

Na figura 13 apresentamos os tipos de vegetação e sua distribuição no Estado.

Do ponto de vista climático, Andréa (2) no seu extenso trabalho "Chuvas da Bahia", seguindo a classificação de Koppen, delimita os seguintes tipos de clima para o Estado, que apresentamos na Fig. 16 por nós adaptada da desse Autor:

AW — *Tropical-quente e úmido* — com precipitações superiores a 750mm anuais, caracterizado por duas estações: seca de

maio e outubro, e chuvosa, de novembro a abril.

AS' — *Litoral norte do recôncavo* — quente e úmido, com estação seca no verão e chuvosa no inverno, temperatura máxima no outono.

AF — *Clima das selvas* — quente e úmido, sem estação seca. Maiores precipitações pluviais de março e agosto, superiores a 100mm anuais.

Am — *Transição entre Af. e As'* — clima de bosque, chuvoso, quente e úmido. A estação seca é compensada pelos totais elevados.

Bsh — *Estépico, de vegetação xerófila* — semi-árido quente, com pluviosidade inferior a 750mm anuais. Chuvas de novembro a abril.

Cfa — *Clima temperado* — úmido, chuvoso, mesotérmico. Os verões são quentes e não há estação seca.

Cfb — *Clima mesotérmico* — os verões são frescos e não há estação seca. Para maiores esclarecimentos sobre as precipitações pluviais e temperaturas, indicamos o trabalho do Autor acima referido (Fig. 16).

Como era de esperar, as espécies são distribuídas por zonas ou regiões, delimitadas por fatores biológicos e climáticos, havendo uma ou outra com distribuição mais ampla. Entre estas, possivelmente, algumas foram levadas por ação mecânica do homem, tendo se adaptado aos locais onde encontraram condições próximas aquelas existentes em seus ecótopos primitivos. Neste exemplo é que incluímos *Triatoma infestans*, que, fora de dúvidas, está sendo transportado pelo homem e adquirindo uma extensa área para a sua distribuição geográfica.

Segundo Aragão (5), *Triatoma infestans* tinha distribuição geográfica no clima mesotérmico, nos trechos de litoral banhados pelos ventos marítimos, sempre se observando a existência de um obstáculo montanhoso separando a costa da zona de distribuição do inseto. Esta separação não existe nos trechos de litoral seco onde *Triatoma infestans* ocorre.

Em 1956 Lucena excluiu a ocorrência de *Triatoma infestans* do Estado da Bahia, limitando a sua distribuição ao paralelo 16º Sul, em Minas Gerais. Já em 1965 o

mesmo Autor assinala a presença desse Hemiptero para Pernambuco (20).

Em 1957, Bustamante assinalou como limite norte para *Triatoma infestans*, 15° 33' Sul do Município de Umana em Goiás, isto para o norte. Hoje, como já salientamos, se tem conhecimento da presença desse triatomíneo até o Estado de Pernambuco (11).

Triatoma infestans foi por nós mais encontrada nas zonas de cerrados e caatingas, com altitudes entre 500 a 1500 m. Nas áreas de sua distribuição o clima é quase exclusivamente o AW. Foi encontrado também no norte do Estado, às margens do Rio São Francisco, onde o clima é do tipo BSH, possivelmente ali levado por ação mecânica (Fig. 11).

Alguns triatomíneos, embora com distribuição geográfica ampla, são entretanto mais exigentes a certos fatores ecológicos. Este é mais ou menos o caso de *Triatoma sorãida* que segue o curso dos rios em área de clima seco, geralmente com vegetação xerófila e de porte baixo.

Lucena (40) acredita que o fato de estar *Triatoma sordida* ao lado dos rios, traduziria antes um meio de difusão da espécie uma via de penetração, levada pelo homem.

Triatoma sordida foi encontrada em nossas investigações quase que exclusivamente distribuída nas zonas de caatingas, com altitude de 100 a 500 m. Os climas predominantes nas áreas de sua distribuição são os AW e BSH (Fig. 10).

Lucena acha provável que seja a umidade excessiva do ar na costa Atlântica que determina a ausência de triatomíneos nessa faixa territorial, onde são contados os exemplares coligidos de poucas espécies. A esse fato, provavelmente, se juntaria a maior absorção pelo ar das irradiações de baixa comprimento de onda, de efeito mortífero para o inseto.

Entretanto, o *Panstrongylus megistus* é abundante no litoral do Estado da Bahia, na zona denominada de "Recôncavo" onde as condições de umidade do ar são extremamente elevadas, como na cidade do Salvador.

Panstrongylus megistus é a espécie que consideramos de maior importância do ponto de vista epidemiológico da Doença de Chagas na Bahia. A sua distribuição é pre-

dominante nas zonas de florestas latifolheadas úmidas e latifoleada tropical. Nestas áreas os climas dominantes são o AW e o AF e AS'. A espécie foi também encontrada em áreas de clima BSH. Provavelmente ou foi para ali transportada secundariamente ou trata-se de uma raça especial de *P. megistus*, existindo fortes indícios para tal ocorrência. As altitudes das localidades de sua distribuição geográfica variam de 0 a 100m acima do nível do mar (Fig. 9).

Outra espécie de triatomíneo, embora a única cosmopolita no mundo, mas que tem limitada distribuição geográfica na Bahia, é o *Triatoma rubrofasciata*. Neste Estado, somente foi encontrada nas cidades de São Félix e em Salvador, e, diga-se de passagem, exclusivamente no zona portuária e antiga desta última cidade. A sua ocorrência é somente para este trecho, não tendo se disseminado para os arredores interiores da metrópole, onde ocorre *Panstrongylus megistus*. Seria uma questão de concorrência biológica que tenha limitado a sua dispersão aos arredores da cidade, ou a existência do seu nicho ecológico somente em tal zona da cidade, onde proliferam os ratos? Tudo parece indicar ser este segundo fator a barreira que limita a sua dispersão pois, nos locais centrais da cidade, em muitas oportunidades, puderam ser encontrados na mesma casa tanto *Panstrongylus megistus* como *Triatoma rubrofasciata*; entretanto, as microcondições desses nichos ecológicos eram bem diversas, esta última espécie parecendo alimentar-se exclusivamente, ou pelo menos principalmente, do sangue de ratos; permanecendo nos fôrros e locais em que vivem esses roedores, provavelmente só acidentalmente procurava o homem para picá-lo.

Entre nós, *Triatoma rubrofasciata* somente foi encontrada no litoral em localidades com clima Af, onde as altitudes não alcançam 100m acima do nível do mar (Fig. 12).

Lucena, em 1962, informa que o encontro de *Triatoma rubrofasciata* em localidades do interior, invalida a asserção clássica de ter a espécie distribuição puramente litorânea.

Como já salientaram Neiva & Lent (46), *Triatoma rubrofasciata* é de origem asiática, tendo sua introdução sido feita no Brasil há muitos anos. A espécie só era encontrada em algumas cidades brasilei-

ras, quase todas cidades velhas e portuárias, daí a possibilidade da sua penetração e colonização nos centros dessas cidades, provavelmente mais infestados por roedores, que são as fontes alimentares para o triatomíneo.

É bem possível que essa seja uma das condições necessárias para que se dê a colonização de *Triatoma robrofasciata*. Há cerca de uma década, em Salvador, o encontro de *T. rubrofasciata* em locais do centro da cidade era facilímo. Atualmente, talvez devido a higienização e modernização de alguns desses locais, como ocorreu por exemplo com a destruição pelo fogo no antigo "Mercado Modêlc", desapareceu a sua principal fonte de procriação, sendo muito raro o encontro da mesma. Não conseguimos capturá-la em cuidadosas inspeções que realizamos recentemente, durante mais de quarenta dias. Talvez esteja fadada a desaparecer do mapa da Bahia, o que é bem provável, pois foi aqui introduzida, sendo estranho ao meio.

Triatoma petrochii é espécie rara do Brasil, tendo sido motivo de polémica a sua existência em certas localidades do País. Não parece, entretanto, existirem dúvidas quanto à sua ocorrência no nordeste do Estado da Bahia, vivendo ao lado de *Triatoma brasiliensis*. Foi coletada na zona de caatinga, com clima Bsh, e altitudes entre 100 a 500m (Fig. 12).

Lucena (42), em vista de levar em muita consideração o valor absoluto da medida do 1º segmento antenal, concluiu que o triatomíneo redescrito por Sherlock e Guitton (57), não era *Triatoma petrochii*. Esse material que estudamos foi comparado naquela época com os tipos de *Triatoma petrochii* e a identificação foi confirmada pelo Dr. Herman Lent. Se se trata de uma outra espécie que não *T. petrochii*, certamente não será somente devido ao fato de ter a espécie de Pinto e Barreto "o 1º segmento antenal medindo menos da metade da distância entre o ápice do tubérculo antenífero e o ápice do tylus". Nos nossos exemplares, o primeiro segmento antenal "não atinge o ápice da cabeça". Como se observou, as medidas que foram apresentadas são comparativas e não absolutas.

Por outro lado, acreditamos não poder ser *Triatoma petrochii* sinônima ou variedade de *Triatoma brasiliensis*, como propôs Lucena (42), em vista das aberrantes dife-

renças morfológicas verificadas entre esses triatomíneos e os mesmos viverem juntamente nos mesmos ecótopos naturais, como é citado por Sherlock e Guitton (57).

Talvez possa ser, após demonstrado por provas concretas e não suposicionais, que *T. pessoai*, *T. lenti* e *T. bahiensis* venham a compreender um complexo de espécie, juntamente com *T. brasiliensis*. Entretanto este fato vai modificar em muito o conceito clássico que se tem da espécie de triatomíneo.

T. pessoai, *T. lenti* e *T. bahiensis* foram encontrados em áreas com clima AW e BSh e com vegetação do tipo caatinga, em localidades com altitude entre 600 a 800 m (Figs. 12 e 13).

As espécies *T. brasiliensis* e *T. maculata*, possuindo também representantes morfológicos variáveis, de acordo com o tipo de zona em que são encontradas neste Estado, serão objeto de estudos mais acurados em nossos trabalhos futuros. Como Lucena (42) salienta, a primeira é espécie típica da região árida do Nordeste e seu encontro na zona cacauzeira da Bahia (59) necessita de investigação sistemática.

Triatoma brasiliensis foi encontrada comumente no nordeste do Estado, nas áreas de caatingas com clima do tipo BSh e altitudes entre 100 a 500 m. Desse ponto possivelmente é que tem se disseminado, com muita dificuldade, para outras áreas. *Triatoma brasiliensis* também foi encontrada no oeste da Bahia, em zonas com vegetação do tipo cerrado, clima AW e altitudes entre 500 a 700 m. Provavelmente, trata-se de uma raça diferente da do norte do Estado, a qual possui diferenças morfológicas aprevisíveis daqueles espécimens nordestinos. Quanto ao seu encontro nas áreas de florestas litorâneas latifoleadas úmidas, como já salientamos, é acidental e provavelmente devido ao transporte mecânico (Fig. 13).

Triatoma maculata e *Triatoma pseudo-maculata* foram encontradas em áreas com clima BSh, AW e AS', tanto em zonas de caatinga como em florestas latifoleadas, nas altitudes entre 100 a 500 m. Como já nos referimos anteriormente, existem na Bahia variedades morfológicas de "maculata", o que provavelmente, com os esclarecimentos futuros, explicará essa falta de especificidade para os fatores ambientais (Fig. 12).

Triatoma costalimai foi encontrada numa localidade de zona com vegetação tipo cerrado e clima AW, com altitude entre 500 a 700 m. (Fig. 12).

Outras espécies mais raras, embora com uma distribuição geográfica ampla, ocorrendo aqui e ali, em pequenas densidades, são *T. melanocephala*, *T. tibiamaculata*, *P. lutzi*, *P. diasi*, *P. geniculatus*, e *R. neglectus*. Essas espécies merecem mais observações para esclarecimento do seu comportamento; da mesma forma as espécies, recentemente descritas, *T. pessoai* e *T. lenti*, que são abundantes no oeste baiano.

Triatoma melanocephala tem distribuição quase exclusivamente nas áreas com vegetação do tipo caatinga e clima dos tipos AW e BSh, com altitudes entre 100 a 500 m (Fig. 11).

Triatoma tibiamaculata foi somente encontrada em áreas de caatinga com clima tipo AW, com altitudes entre 100 a 500 m (Fig. 11).

Panstrongylus geniculatus distribui-se predominantemente nas zonas de caatingas com clima BSh e AW. Foi também encontrado em localidades com clima Af, provavelmente em ecótopos artificiais e para ali levado mecânicamente (Fig. 14).

Panstrongylus lutzi foi capturado tanto em áreas de florestas latifolheadas, como na caatinga e cerrados, onde predomina o clima AW (Fig. 14).

Panstrongylus diasi foi encontrado exclusivamente nas áreas de caatingas com

clima BSh. As localidades de distribuição dessas três últimas espécies têm altitudes entre 100 a 500 m (Fig. 14).

A única representante do gênero *Rhodnius* na Bahia é a *R. neglectus*, constando de um só exemplar, fortuitamente coletado no interior de um domicílio no nordeste do Estado. É bem provável que capturas dirigidas para os nichos ecológicos naturais do gênero, que talvez sejam as palmeiras, venham a demonstrar no futuro maior quantidade de representantes. A área de seu achado tem clima BSh e vegetação tipo caatinga (Fig. 14).

Triatoma arthurneivai é meramente citada por Corrêa em 1968 (3), para o Estado da Bahia; entretanto, não encontramos nenhuma bibliografia referente ao achado.

Psamolestes tertius é disseminado por diversas zonas do Estado, não existindo um conjunto definido de características ambientais para sua distribuição, dependendo esta, provavelmente, da distribuição dos ninhos das aves nos quais colonizam (Fig. 14).

AGRADECIMENTOS

Ao entomologista Joaquim Machado Leal, que sem o seu trabalho e interesse, muito dificilmente, inúmeras localidades do Estado poderiam ter sido investigadas, expressamos os nossos sinceros agradecimentos.

S U M M A R Y

This is the first of a series on the Triatominae (Hemiptera, Reduviidae) of the State of Bahia, Brazil. Surveys were made of 889,972 dwellings in 11,045 localities of the State and 33,588 bugs were collected. Four genera and eighteen species of Triatominae were identified, as follows.

Triatoma bahiensis Sherlock & Serafim, 1967 is here considered to be a synonym of subspecies of *T. pessoai* Sherlock & Serafim, 1967. Other subspecies or races of other Triatominae have been encountered in Bahia and will be considered fully elsewhere.

Panstrongylus megistus (Burmeister, 1835) is more abundant in the littoral areas with tropical climate, high humidity and broad-leaved forest vegetation. *P. megistus* is considered to be the most important vector of Chagas' Disease in the State of Bahia.

T. brasiliensis Neiva, 1911 is principally found in areas with an arid climate and xerophilic vegetation. It was also found in some areas with tropical humid climate, where it may be a different race. Some specimens were also caught in areas with a cooler climate and vegetation of moist broad-leaved forest. The spread of *T. brasiliensis* to this area is considered to be due to human agency.

T. infestans Klug, 1834, once limited in Brazil to temperate areas south of the 16th parallel, has been spreading northward through areas with diverse climate characteristics, possibly due to accidental means.

T. sordida (Stal, 1859) was found to have a riverain distribution in areas with dry climate.

T. rubrofasciata (De Geer, 1773) is limited to two old colonial ports in the State. Years ago it was quite abundant in these places. Improvements in sanitary conditions in recent years probably account for the present scarcity of this species in both localities.

The following species were found in small numbers and in limited areas: *F. diasi* (Pinto & Lent), *P. geniculatus* (Latreille), *P. lutzii* (Neiva & Lent), *T. costalimai* Verano & Galvão, *T. lenti* Sherlock & Serafim, *T. maculata* Erickson, *T. melanocephala* Neiva & Pinto, *T. pessoai* Sherlock & Serafim, *T. petrochii* Pinto & Barreto, and *T. tibiamaculata* Pinto.

A single specimen of *Rhodnius neglectus* Lent, 1940 was caught, for the first time, in a house in a dry area of the northwest part of the State.

Of the genus *Psamolestes*, only *P. tertius* Lent & Juberg, 1965 was found all over the State. This species was restricted to suitable bird nests, which are its normal habitat.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AGUIRRE, G. H. — Palestra proferida no Congresso Estadual de prefeitos em março de 1954. Salvador — Bahia (Mimeografada), 1954.
2. ANDRÉA, R. — Chuvas na Bahia. Publicação do Departamento Nac. de Obras Contra Secas. 4º Distrito, Estado da Bahia, 26 mapas, 180 tabelas, 1962.
3. Anônimo — Campanha contra a Doença de Chagas em Salvador. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 4: 202, 1952.
4. ARAGÃO, J. M. B. de; AGUIRRE, G. H.; LEAL, J. M. & SERAFIM, E. — Contribuição ao conhecimento da distribuição geográfica dos triatomíneos domiciliários e seus índices de infecção natural pelo *Schizotrypanum cruzi* no Estado da Bahia. Rev. Brasil. Mal. D. Trop., 7: 409-421, 1955.
5. ARAGÃO, M. B. — Aspectos climáticos da Doença de Chagas. II. A área de ocorrência do *Panstrongylus megistus* (Burmeister 1935). Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 13: 171-193, 1961.
6. ARAGÃO, M. B. — Correspondência científica. Rev. Brasil. Mal. D. Trop., 16: 419-425, 1964.
7. ARAGÃO, M. B. & DIAS, E. — Aspectos climáticos da Doença de Chagas. I — Considerações sobre a distribuição geográfica do *Triatoma infestans*. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 5: 633-642, 1956.
8. BARROS BARRETO, A. L. & PONDÉ, A. — Doença de Chagas na Bahia. Dois casos parasitologicamente confirmados. Brasil Médico 39: 394-397, 397, 1945.
9. BARRETO, M. P. — Reservatórios e vetores do *Trypanosoma cruzi* no Brasil. Arq. Hig. Saúde Púb. (São Paulo) 28: 43-66, 1963.
10. BRUMPT, E. & PIRAJÁ DA SILVA — Existence du *Schizotrypanum cruzi* Chagas, 1909, à Bahia. (Mata de São João). Biologie du *Conorhinus megistus*. Bull. Soc. Pathol. Exotique, 5: 22-26, 1912.
11. BUSTAMANTE, F. M. de — Distribuição geográfica dos transmissores da Doença de Chagas no Brasil e sua relação com certos fatores climáticos. Epidemiologia e Profilaxia da Enfermidade. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 9: 191-21, 1957.
12. CARVALHO, A. G. & BARBOSA, J. A. — Zoogeografia de *Triatominae Neotropicales*. Rev. Goian. Méd. 3: 181-196, 1957.
13. CORREA, R. R. — Informe sobre a Doença de Chagas no Brasil, e em especial no Estado de São Paulo. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 20: 39-81, 1958, 1968.
14. CORREA, R. R. & SPINOLA, H. N. — Descrição de *Triatoma pseudomaculata*, nova espécie de Triatomíneo de Sobral, Ceará (Hemiptera, Reduviidae). Arq. Hig. Saúde Pública 29: 115-127, 1964.
15. COSTA, A. L. — Triatomíneos e tripanosomas por eles veiculados em zona Central da Cidade do Salvador-Bahia. Tese Fac. Med. Univ. Bahia, 81 pp., 1955.
16. COSTA LIMA, A. da — Insetos do Brasil. 2º tomo, 1940.

17. DEANE, L. M. — Animal reservoirs of *Trypanosoma cruzi* in Brazil. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 16: 27-48, 1962.
18. DIAS, E. — Chagas — Krankheit (Chagas' Disease) in Welt — Sechen Atlas. Hamburg, 135-40, 1954.
19. DIAS, E. & SEREBRENICK, S. — Aspectos climáticos da distribuição dos transmissores da Doença de Chagas no vale do Rio São Francisco. Mem. Inst. O. Cruz, 56: 407-16, 1958.
20. DOBBIN, Jr., J. E. & CRUZ, A. E. — Sobre o encontro do *Triatoma infestans* (Klug) em Pernambuco. Notulae Biologicae. 1: 3-5, 1965.
21. DUPUIS, C. — Les genitalia des Hémiptères. *Heteropteres*. Mem. Mus. Nat. Hist. Serv. A. Zool. 6: 183-278, 1955.
22. DUPUIS, C. — Progrés recente de l'étude des genitalia dos Hétéroptères (Etude bibliographique critique). These à Faculté des Sciences de l'Université, Paris, 100 pp. Mus. Nat. His. Natur. Paris ed Paris, 1963.
23. FERREIRA, M. — Epidemiologia da Doença de Chagas na Bahia. Bol. Hospital Clínicas Fac. Med. Univ. Bahia, 4: 2-11, 1958.
24. FORATTINI, O. P. — Notícia sobre o *Panstrongylus geniculatus* (Latreille, 1811). Rev. Brasil. Entomol. 9: 177-80, 1960.
25. GALVÃO, A. B. — *Triatoma brasiliensis macromelasoma* n. subsp. (*Reduviidae*, *Hemiptera*). Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 7: 455-457, 1955.
26. GALVÃO, A. B. — Chave ilustrada para adultos das espécies brasileiras do gênero *Panstrongylus* Berg. 1879 (*Hemiptera*, *Reduviidae*, *Triatominae*). Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 8: 431-432, 1956.
27. GESTEIRA, M. — Sinópsese das atividades do Departamento Nacional da Criança em 1951. Programa de Trabalho para 1951. Bol. Inst. Puericultura 9: 11-41, 1951.
28. GONÇALVES, A. E. — Contribuição para o estudo do Mal de Chagas na Bahia. These apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia para o grau de Doutor em Medicina, 1912.
29. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1958.
30. LEAL, J. M., SHERLOCK, I. A. & SERAFIM, E. M. — Observações sobre o combate aos triatomíneos domiciliários com BHC, em Salvador, Bahia. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 17: 65-73, 1965.
31. LENT, H. — Sobre a biologia, sistemática e distribuição geográfica do *Psamolestes coreodes* Bergröth, 1911, encontrado em ninhos de aves do Brasil. (*Hemiptera*, *Reduviidae*, *Triatominae*). Rev. Ent. Rio de Janeiro 5: 381-96, 1935.
32. LENT, H. — Distribuição geográfica mundial dos insetos transmissores da Moléstia de Chagas. Ciência e Cultura, 3: 257, 1951.
33. LENT, H. — Zoogeografia dos transmissores da Doença de Chagas. Proc. Intern. Cong. Trop. Med. Mal. 6th, 3: 110-31, 1948.
34. LENT, H. — Sobre dois pretensos reduviídeos hematofagos africanos do gênero "*Panstrongylus*" Berg. 1879. (*Reduviidae*, *Triatominae*). Rev. Brasil. Biol. 20: 163-170, 1960.
35. LENT, H. — Estado atual dos estudos sobre os transmissores da Doença de Chagas (Relatório). An. Congr. Intern. Doença Chagas. 3: 739-760, 1962.
36. LENT, H. & JUBERG, J. — O gênero *Psamolestes*, B., 1911, com Estudo sobre genitália das espécies (*Hemiptera*, *Reduviidae*, *Triatominae*). Rev. Brasil. Biol. 25: 376-94, 1965.
37. LENT, H. & JUBERG, J. — Estudo morfológico comparativo de *Panstrongylus geniculatus* (Latreille, 1811) e *Panstrongylus megistus* (Burmeister, 1935) e suas genitálias externas (*Hemiptera*, *Reduviidae*, *Triatominae*). Rev. Brasil. Biol. 28: 499-520, 1968.
38. LENT, H. & JUBERG, J. — O gênero *Rhodnius* Stal, 1859, com um estudo sobre a genitália das espécies (*Hemiptera*, *Reduviidae*, *Triatominae*). Rev. Brasil. Biol. 29: 487-560, 1969.
39. LUTZ, A. & MACHADO, A. — Viagem pelo Rio São Francisco e por alguns dos seus afluentes entre Pirapora e Juazeiro. Mem. Inst. O. Cruz. 7: 5-50. 1915.
40. LUCENA, D. T. — Ecologia dos triatomíneos do Brasil. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 11: 577-635, 1959.
41. LUCENA, D. T. — Introdução do *T. infestans* (Klug, 1834) em Pernambuco. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 17: 401-13, 1965.

42. LUCENA, D. de — Estudo sobre a Doença de Chagas no Nordeste do Brasil. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 22: 3-173, 1970.
43. MANGABEIRA, FILHO, O. — Doença de Chagas em Salvador. Conferência no Congresso Regional da Associação Bahiana de Medicina, em Feira de Santana, outubro-novembro de 1952; não publicada.
44. NEIVA, A. — Contribuição para o estudo dos reduvídeos hematofagos. I — Nota sobre os reduvídeos hematofagos da Bahia com descrição de nova espécie; II — Evolução do *Trypanossoma cruzi* na *Triatoma rubrofasciata* (De Geer). Mem. Inst. Osw. Cruz. 6: 35-39, 1914.
45. NEIVA, A. — Revisão do gênero *Triatoma* Lap. Tese Fac. Med. Rio de Janeiro, 80 pp. Tp. Jornal do Comércio, 1914.
46. NEIVA, A. & LENT, H. — Notas e comentários sobre Triatomíneos. Lista de espécies e sua distribuição geográfica. Rev. Entomol., 6: 153-190, 1936.
47. NEIVA, A. & LENT, H. — Sinopse dos Triatomíneos. Rev. Entomol. Rio de Janeiro, 12: 61-92, 1941.
48. NEIVA, A. & PENNA, B. — Viagem científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e do Norte ao Sul de Goiás. Mem. Inst. O. Cruz. 8: 74-224, 1916.
49. NEIVA, A. & PINTO, C. — Chave dos Reduviídeos hematofagos brasileiros: hábitos, sinonímia e distribuição. Brasil. Med. 37: 8-98, 1923.
50. NEIVA, A. & PINTO, C. — Dos hemípteros hematofagos do Norte do Brasil com descrição de duas novas espécies. Brasil Méd. 37: 73-76, 1923.
51. PIRAJÁ DA SILVA — Notas de Parasitologia. O Barbeiro (*Conorhinus megistus* Burm.), na Bahia. Arch. Brasil. Med. 1: 627-32, 1911.
52. PONDÉ, A. et Allí — A doença de Chagas na Bahia. Arquivo da Universidade da Bahia, Faculdade de Medicina 1: 333-456, 1947.
53. PONDÉ, R., MANGABEIRA FILHO, O. & JANSEN, G. — Alguns dados sobre a Leishmaniose visceral Americana e Doença de Chagas no Nordeste Brasileiro. Mem. Inst. O. Cruz. 37: 333-352, 1942.
54. PORTO, J. J. M. — Mais três casos agudos de moléstia de Chagas nos Municípios de Santo Amaro e Coração de Maria, Estado da Bahia. Rev. Médica da Bahia. 15: 194-199, 1957.
55. SEREBRENICK, S. — Distribution géographique de triatomídes dans la vallée du São Francisco et ses rapports avec les conditions climatiques. Proc. 6th Inst. Cong. Trop. Med. Mal. 5: 131-49, 1958.
56. SHERLOCK, I. A. & ALMEIDA, S. P. — Nota sobre a armadilha com luz negra para captura de *P. megistus*, em S. Felipe, Bahia (*Hemiptera, Reduviidae*). Rev. Brasil. Mal. D. Trop. (em publicação), 1971.
57. SHERLOCK, I. A. & GUITTON, N. — Sobre o *Triatoma petrochii* Pinto & Barreto, 1925 (*Hemiptera, Reduviidae*). Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 19: 625-632, 1967.
58. SHERLOCK, I. A. & SERAFIM, E. M. — *Triatoma lenti* sp.n., *Triatoma pessoi*, sp.n e *Triatoma bahiensis* sp. n do Estado da Bahia, Brasil (*Hemiptera, Reduviidae*). Gaz. Méd. Bahia. 67: 75-92, 1967.
59. SILVA, G. R. da — Doença de Chagas em famílias de duas áreas restritas da cidade do Salvador, Bahia. Tese Faculdade Med. Univ. S. Paulo. 123 pp., 1966.
60. TRICART, T. — As zonas morfológicas climáticas do Nordeste Brasileiro. Publicações da Universidade da Bahia. 8: 15 pp., 1951.
61. VENTOCILLA, J. A. & SILVA, P. — Triatomíneos capturados em armadilha luminosa na área Cacaueira da Bahia. Rev. Brasil. Mal. D. Trop. 20: 161-187, 1968.

TABELA I

ESPÉCIES DE TRIATOMÍNEOS ASSINALADOS POR DIVERSOS AUTORES PARA O ESTADO DA BAHIA
ATÉ O ANO DE 1971

ESPÉCIES	ANO	AUTORES	LOCALIDADE
<i>Ps. tertius</i>	1958	Lent	S. M. L.
	1965	Lent e Juberg	S. M. L.
<i>Ps. coreodes</i>	1968	Corrêa	S. M. L.
<i>P. geniculatus</i>	1914	Neiva	S. M. L.
	1956	Galvão	S. M. L.
	1957	Bustamante	Seabra
	1957	Carvalho e Barbosa	S. M. L.
	1960	Lent	S. M. L.
	1960	Forattini	S. M. L.
	1968	Corrêa	S. M. L.
	1968	Lent e Juberg	Castro Alves -- Ilhéus -- Salvador.
<i>P. lutz</i>	1941	Neiva e Lent	S. M. L.
	1956	Galvão	S. M. L.
	1957	Carvalho e Barbosa	S. M. L.
	1960	Lent	S. M. L.
	1968	Corrêa	S. M. L.
<i>P. megistus</i>	1911	Pirajá da Silva	Alagoinhas, Angical, Aratuípe, Cachoeira,
	1912	Gonçalves e Ponde	Campo Formoso, Catu, Conceição de Feira,
	1915-16	Lutz e Machado	Coração de Maria, Cotegipe, Cruz das Al-
	1942	Mangabeira e Jansen	mas, Entre Rios, Feira de Santana, Ilhéus,
	1947	Porto	Ibipetuba, Inhambupe, Itaparica, Jaguaquara,
	1955	Costa	Jaguaripe, Jacobina, Jequiê, Jequiracá,
	1955	Aragão e Colab.	Lage, Lencôes, Maragogipe, Mata de São
	1956	Galvão	João, Mundo Novo, Muritiba, Nazare, Pilão
	1957	Bustamante	Arcado, Pojuca, Santa Inês, Santo Antônio
	1957	Carvalho e Barbosa	de Jesus, Santo Estevão, São Felipe, São
	1960	Lent	Felix, São Gonçalo dos Campos, São Sebastião
	1961	Aragão	do Passé, Saúde, Santo Amaro, Salvador,
	1962	Luceña	Ubaíra, Valença.
	1965	Leal e Colab. Silva; Santos	
1966	Silva		
1968	Ventocilla e Silva		
1968	Corrêa		
<i>R. neglectus</i>	1969	Lent e Juberg	Itiúba
<i>T. bahiensis</i>	1967	Sherlock e Serafim	Seabra
<i>T. brasiliensis</i>	1914	Neiva	Curacá, Glória, Ilhéus, Itabuna, Itiúba, Joazeiro,
	1955	Aragão e Colab.	Paratinga, Paulo Afonso, Queimadas,
	1955	Galvão	Remanso, Santo Sé, Sobrado.

(Continua)

TABELA I

ESPECIES DE TRIATOMÍNEOS ASSINALADOS POR DIVERSOS AUTORES PARA O ESTADO DA BAHIA
ATÉ O ANO DE 1971

(Continuação)

ESPECIES	ANO	AUTORES	LOCALIDADE
<i>T. brasiliensis</i>	1957 1957 1958 1967 1968 1968	Carvalho e Barbosa Bustamante Dias e Serebrenick Sherlock e Guitton Ventroçila e Silva Corrêa	
<i>T. infestans</i>	1915 1923 1955 1962	Lutz e Machado Neiva e Pinto Aragão e Colab. Lucena	Rio São Francisco S.M.L. Rio São Francisco S.M.L. Casa Nova, Curaçá, Joazeiro, Santo Sé S.M.L.
<i>T. lentii</i>	1967	Sherlock e Serafin	Macaúbas
<i>T. maculata</i>	1914 1915 1942 1957 1963	Neiva Lutz e Machado Pondé e Colab. Carvalho e Barbosa Corrêa	Carinhanha, Ilha do Cachorro, Jacobina, Lapa, Rio São Francisco.
<i>T. melanocephala</i>	1923 1941 1968	Neiva e Pinto Neiva e Lent Corrêa	S. M. L. S. M. L. S. M. L.
<i>T. pessoai</i>	1967	Sherlock e Serafin	Brotas de Macaúbas e Ipuipiára.
<i>T. petrochii</i>	1958 1967	Dias e Serebrenick Sherlock e Guitton	S. M. L. Paulo Afonso
<i>T. rubrofasciata</i>	1915 1952	Lutz e Machado Mangabeira	S. M. L. Salvador
<i>T. rubrofasciata</i>	1955 1955 1965	Leal Costa Aragão e Colab. Leal e Colab.	Salvador Salvador Salvador
<i>T. rubrovaria</i>	1923 1962 1968	Neiva e Pinto Lucena Corrêa	S. M. L. S. M. L. S. M. L.
<i>T. arthurneivai</i>	1968	Corrêa	S. M. L.
<i>T. tibiamaculata</i>	1971	Sherlock e Almeida	Ilhéus
<i>T. sordida</i> <i>T. sordida</i>	1914 1916 1952 1955 1957 1957 1958 1962 1968	Neiva e Pena Lutzi e Machado Santos Aragão e Colab. Bustamante Carvalho e Barbosa Dias e Serebrenick Lucena Corrêa	Andaraí, Angical, Barra do Rio Grande, Bar- reiros, Brotas de Macaúbas, Carinhanha, Casa Nova, Correntina, Cotegipe, Curaçá, Ibipetuba, Jacobina, Jequiê, Joazeiro, Lapa, Lençóis, Macaúbas, Morpará, Oliveira dos Brejinhos, Palmeiras, Paramirim, Paratinga, Remanso, Riacho de Santana, Ruy Barbosa, Santana do Brejo, Santa Maria da Vitória, Seabra, Santo Sé, Xique-Xique.

Obs.: — S.M.L. — sem menção de localidade.

TABELA II

NUMERO DE LOCALIDADES E PREDIOS INSPECIONADOS PARA TRIATOMINEOS NO ESTADO DA BAHIA, DE 1957 ATÉ O ANO DE 1971

Nº de Ordem	Municipios	Prédios			Triatomineos		
		Insp.	Posit.	%	Capt.	média p/ prédios inspec.	média p/ prédios posit.
1	Abaira	37	0	0,0	0	0,0	0,0
2	Acajutiba	658	5	0,7	19	0,02	3,8
3	Água Fria	102	7	6,9	36	0,4	5,1
4	Aiquara	97	1	1,0	12	0,1	12,0
5	Alagoinhas	33.095	63	0,2	327	0,01	5,2
6	Alcobaça	2.063	0	0,0	0	0,0	0,0
7	Amargosa	335	6	1,8	54	0,2	9,0
8	Amélia Rodrigues	19.032	1	0,1	42	0,002	42,0
9	Anegé	292	7	2,4	29	1,0	4,1
10	Andaraí	823	4	0,5	42	0,1	10,9
11	Angical	22	20	90,1	192	8,7	9,6
12	Anguera	707	15	2,1	44	0,1	2,9
13	Antas	1.222	0	0,0	0	0,0	0,0
14	Antônio Cardoso	357	12	3,4	40	0,1	3,3
15	Antônio Gonçalves	729	5	0,7	70	1,0	14,0
16	Aporá	1.788	50	2,0	199	0,1	4,0
17	Aracatú	273	0	0,0	0	0,0	0,0
18	Araci	922	14	1,5	30	0,03	2,1
19	Aramari	247	0	0,0	0	0,0	0,0
20	Aratuípe	2.247	18	0,8	112	0,05	6,2
21	Baixa Grande	243	31	12,8	185	10,8	6,0
22	Barra	3.357	34	1,0	117	0,03	3,4
23	Barra da Estiva	313	4	1,3	12	0,04	3,0
24	Barreiras	1.711	5	0,3	65	0,04	13,0
25	Barra do Rocha	165	0	0,0	0	0,0	0,0
26	Belmonte	630	0	0,0	0	0,0	0,0
27	Biritinga	908	0	0,0	0	0,0	0,0
28	Boa Nova	125	0	0,0	0	0,0	0,0
29	Boa Vista do Tupim	108	1	1,0	5	0,1	5,0
30	Bom Jesus da Lapa	234	35	15,0	495	2,1	14,1
31	Boninal	131	2	1,5	2	0,01	1,0
32	Boqueira	42	7	16,7	81	1,9	11,6
33	Brejões	231	7	3,0	30	0,1	4,3
34	Brejolândia	1	1	100,0	16	16,0	16,0
35	Brotas de Macaúbas	97	37	38,1	286	3,0	7,7
36	Brumado	321	5	1,6	36	0,1	7,2
37	Buerarema	442	0	0,0	0	0,0	0,0
38	Cachoeira	12.956	213	1,6	508	0,04	2,4
39	Caculé	225	6	2,7	23	0,1	3,8
40	Caen	389	6	1,5	32	0,1	5,3
41	Caetité	286	8	2,8	45	0,2	5,6
42	Cafarnaum	350	54	15,4	184	0,5	3,4
43	Cairú	7.520	0	0,0	0	0,0	0,0
44	Caldeirão Grande	480	1	0,2	1	0,002	1,0
45	Camacan	300	0	0,0	0	0,0	0,0
46	Camaçari	10.966	0	0,0	0	0,0	0,0
47	Camamu	239	0	0,0	0	0,0	0,0
48	Campo Alegre de Lourdes	112	11	10,0	20	0,2	1,8
49	Campo Formoso	3.510	60	1,7	173	0,1	2,9
50	Canapolis	13	4	30,7	7	0,5	1,8
51	Canavieiras	548	1	0,2	7	0,01	7,0
52	Candeias	3.673	69	1,9	330	0,1	4,8
53	Candeal	119	1	0,8	1	0,001	1,0
54	Candiba	166	39	56,5	80	0,5	2,1
55	Cândido Sales	232	0	0,0	0	0,0	0,0
56	Cansanção	485	3	0,6	3	0,01	3,0
57	Cardeal da Silva	54	2	3,7	2	0,04	2,0
58	Casa Nova	1.296	4	0,3	24	0,01	6,0
59	Castro Alves	10.534	49	0,5	366	0,03	7,5
60	Catú	13.590	12	0,1	130	0,01	10,8
61	Central	2	2	100,0	96	48,0	48,0
62	Chorrocho	2	2	100,0	92	46,0	46,0
63	Cicero Dantas	892	0	0,0	0	0,0	0,0
64	Cipó	266	2	0,8	2	0,01	1,0
65	Coaraci	502	0	0,0	0	0,0	0,0
66	Conceição de Feira	21.136	27	0,1	132	0,01	4,7
67	" do Almeida	4.997	129	2,6	691	0,1	5,2
68	" Jacuípe	20.818	43	0,2	310	0,01	7,2
69	" Coité	1.039	2	0,2	4	0,003	2,0

(Continua)

TABELA II

NÚMERO DE LOCALIDADES E PRÉDIOS INSPECIONADOS PARA TRIATOMÍNEOS NO ESTADO DA BAHIA, DE 1957 ATÉ O ANO DE 1971

(Continuação)

Nº de Ordem	Municípios	Prédios			Triatomíneos		
		Insp.	Posit.	%	Capt.	média p/ prédios inspec.	média p/ prédios posit.
70	Conde	1.473	32	2.2	160	0.1	5.0
71	Condeúba	54	0	0.0	0	0.0	0.0
72	Contendas	250	31	12.4	173	0.7	5.6
73	Cotacão de Maria	677	64	9.5	216	0.3	3.3
74	Coribe	17	10	58.8	45	2.6	4.5
75	Coronel João Sá	188	4	2.1	4	0.02	1.0
76	Correntina	250	50	20.0	498	1.5	7.7
77	Coteipe	975	4	0.4	28	0.02	6.0
78	Cravolandia	184	8	4.3	50	0.2	3.5
79	Crisópolis	309	2	0.6	3	0.01	1.5
80	Cruz das Almas	10.776	117	0.01	561	0.1	4.8
81	Curacá	404	34	8.4	451	1.0	12.4
82	Dom Macêdo Costa	339	28	7.7	125	0.4	4.8
83	Elizio Medrado	623	26	4.2	142	0.2	4.8
84	Encruzilhada	240	0	0.0	0	0.0	0.0
85	Entre Rios	1.230	59	4.6	304	0.2	5.1
86	Esplanada	629	13	2.1	64	0.1	4.9
87	Euclides da Cunha	880	13	1.5	108	0.1	8.3
88	Feira de Santana	1.878	169	9.0	599	0.3	3.5
89	Floresta Azul	921	0	0.0	0	0.0	0.0
90	Gandú	205	0	0.0	0	0.0	0.0
91	Glória	2.832	2	0.1	2	0.1	1.0
92	Governador Mangabeira	4.647	109	2.3	419	0.1	3.8
93	Guanambi	1.101	66	6.0	253	0.2	3.8
94	Iaçu	1.944	1	0.1	16	0.001	16.0
95	Ibicaí	518	0	0.0	0	0.0	0.0
96	Ibicoara	107	0	0.0	0	0.0	0.0
97	Ibicuí	244	13	5.3	75	0.3	5.8
98	Ibipeba	59	6	10.2	13	0.2	2.2
99	Ibiquera	793	13	1.6	12	0.01	0.9
100	Ibirataia	317	0	0.0	0	0.0	0.0
101	Ibititá	34	4	11.8	4	0.1	1.0
102	Ibotirama	270	10	3.7	37	0.3	8.7
103	Ichu	303	0	0.0	0	0.0	0.0
104	Igaporan	245	9	3.6	130	0.5	14.0
105	Iguai	321	0	0.0	0	0.0	0.0
106	Ilhéus	23.588	0	0.0	0	0.0	0.0
107	Inhambupe	4.556	99	2.2	250	0.1	2.5
108	Ipirá	886	123	14.0	451	0.5	3.4
109	Ipiauí	370	0	0.0	0	0.0	0.0
110	Ipupiara	27	19	70.4	410	15.2	21.6
111	Irajuba	110	0	0.0	0	0.0	0.0
112	Irecê	14	14	100.0	340	24.3	24.2
113	Iramala	278	1	0.4	7	0.02	0.03
114	Irará	4.112	180	0.04	551	0.1	2.4
115	Iraquara	24	14	58.3	54	2.3	3.9
116	Itaberaba	1.382	1443	10.3	423	0.2	2.3
117	Itabuna	1.172	0	0.0	0	0.0	0.0
118	Itacaré	725	0	0.0	0	0.0	0.0
119	Itaité	124	6	4.8	14	0.1	2.3
120	Itagi	418	2	0.5	3	0.01	1.5
121	Itagiba	16	0	0.0	0	0.0	0.0
122	Itajimirim	560	0	0.0	0	0.0	0.0
123	Itajú-Colônia	409	0	0.0	0	0.0	0.0
124	Itajuípe	387	0	0.0	0	0.0	0.0
125	Itamarí	152	17	11.2	110	0.7	6.5
126	Itambe	280	0	0.0	0	0.0	0.0
127	Itanagra	1.863	17	0.9	112	0.1	6.6
128	Itaparica	2.003	18	1.0	69	0.03	3.8
129	Itapé	949	0	0.0	0	0.0	0.0
130	Itapebi	250	0	0.0	0	0.0	0.0
131	Itapetinga	376	0	0.0	0	0.0	0.0
132	Itapicuru	852	14	1.6	20	0.02	1.4
133	Itapitanga	599	0	0.0	0	0.0	0.0
134	Itiruçu	742	9	1.2	38	0.05	4.2

(Continua)

TABELA II

NUMERO DE LOCALIDADES E PRÉDIOS INSPECIONADOS PARA TRIATOMÍNEOS NO ESTADO DA BAHIA, DE 1957 ATÉ O ANO DE 1971

(Continuação)

Nº de Ordem	Municípios	Prédios			Triatomíneos		
		Insp.	Posit.	%	Capt.	média p/ prédios inspec.	média p/ prédios posit.
135	Itaquara	532	9	1.7	15	0.03	1.7
136	Itiuba	3.949	53	1.5	86	0.02	1.4
137	Itooró	115	0	0.0	0	0.0	0.0
138	Ituacú	1.730	32	2.2	39	0.02	1.0
139	Itubera	1.388	0	0.0	0	0.0	0.0
140	Jacaraci	248	1	0.4	11	0.04	11.0
141	Jacobina	3.313	160	4.8	2.015	0.6	12.3
142	Jaguaiquara	245	11	4.5	45	0.1	3.2
143	Jaguarari	941	9	1.0	1	0.001	0.1
144	Jaguaripe	5.196	5	0.1	18	0.003	3.6
145	Jandaíra	252	1	0.4	6	0.02	6.0
146	Jequié	1.930	15	0.8	67	0.04	4.5
147	Jeremoabo	1.156	6	0.5	3	0.002	0.5
148	Jequericá	185	22	11.8	59	0.3	2.7
149	Jitainá	1.136	0	0.0	0	0.0	0.0
150	Juazeiro	9.476	106	0.01	1.235	0.1	9.3
151	Jussara	9	9	100.0	117	13.0	13.0
152	Jussiape	164	3	1.8	6	0.04	2.0
153	Lafaiete Coutinho	477	11	2.3	37	0.1	3.4
154	Lage	329	16	5.0	47	0.1	2.9
155	Lagedinho	32	7	22.0	8	0.3	1.1
156	Lamarão	1.889	3	0.2	12	0.01	4.0
157	Lauro de Freitas	2.843	0	0.0	0	0.0	0.0
158	Lençóis	619	48	7.8	166	0.3	3.5
159	Licínio de Almeida	102	0	0.0	0	0.0	0.0
160	Livramento do Brumado	375	15	4.0	85	0.2	5.7
161	Macaúba	912	62	7.6	328	0.4	5.3
162	Macarani	484	0	0.0	0	0.0	0.0
163	Macaúbas	453	47	10.4	172	0.4	4.0
164	Mairi	244	19	7.8	82	0.3	4.3
165	Malhada	5	1	20.0	6	1.2	6.0
166	Malhada de Pedra	82	3	3.7	4	0.1	1.3
167	Maracás	1.203	0	0.0	0	0.0	0.0
168	Maragogipe	15.179	66	0.4	517	0.1	1.3
169	Marau	849	0	0.0	0	0.0	0.0
170	Mascote	170	0	0.0	0	0.0	0.0
171	Mata de São João	9.233	33	0.4	155	0.02	4.4
172	Miguel Calmon	1.676	21	0.01	128	0.1	6.1
173	Mirangaba	314	58	0.07	778	1.0	13.4
174	Milagres	302	0	0.0	0	0.0	0.0
175	Monte Santo	513	1	0.2	1	0.001	1.0
176	Morpará	7	1	14.3	3	0.4	3.0
177	Morro do Chapéu	605	7	1.2	18	0.03	2.6
178	Mucugê	100	0	0.0	0	0.0	0.0
179	Mucuri	10	0	0.0	0	0.0	0.0
180	Mucururé	479	0	0.0	0	0.0	0.0
181	Mundo Novo	5.158	17	0.3	32	0.004	1.3
182	Muniz Ferreira	316	38	12.0	128	0.4	3.4
183	Muritiba	31.616	245	0.8	893	0.03	3.6
184	Mutuípe	386	23	6.0	133	0.3	5.8
185	Nazaré	12.940	15	0.1	65	0.01	4.3
186	Nilo Peçanha	4.840	0	0.0	0	0.0	0.0
187	Nova Canaã	493	0	0.0	0	0.0	0.0
188	Nova Itarana	81	1	1.2	1	0.01	1.0
189	Nova Soure	665	3	0.5	4	0.01	1.3
190	Oiandina	408	1	0.2	1	0.002	1.0
191	Oliveira dos Brejinhos	3	3	100.0	3	1.0	3.0
192	Ouriçangas	338	13	3.8	48	0.1	3.7
193	Palmas do Monte Alto	73	13	17.8	71	1.0	5.5
194	Palmeiras	864	64	7.4	227	0.2	3.0
195	Paramirim	208	75	36.1	169	0.8	2.3
196	Paratinga	34	4	11.7	5	0.1	1.3
197	Paripiranga	815	52	6.4	212	0.3	4.0
198	Paulo Afonso	5.842	25	0.4	692	0.1	25.6

(Continua)

TABELA II

NUMERO DE LOCALIDADES E PREDIOS INSPECIONADOS PARA TRIATOMINEOS NO ESTADO DA BAHIA, DE 1957 ATÉ O ANO DE 1971

(Continuação)

Nº de Ordem	Municípios	Prédios			Triatomíneos		
		Insp.	Posit.	%	Capt.	média p/ prédios inspec.	média p/ prédios posit.
199	Pedro Alexandre	213	0	0.0	0	0.0	0.0
200	Platá	240	2	0.8	16	0.1	8.0
201	Pedrao	458	42	0.1	113	0.2	2.7
202	Pilão Arcado	98	0	0.0	0	0.0	0.0
203	Pindaí	103	10	1.0	37	0.3	2.6
204	Pindobaçu	6.518	18	0.3	146	0.02	7.4
205	Piritiba	10.314	38	0.4	260	0.02	6.8
206	Planaltino	76	0	0.0	0	0.0	0.0
207	Planalto Babiano	646	0	0.0	0	0.0	0.0
208	Poçoões	335	0	0.0	0	0.0	0.0
209	Pojuca	6.956	0	0.0	0	0.0	0.0
210	Porto Seguro	1.239	0	0.0	0	0.0	0.0
211	Poiraçuá	251	3	1.2	27	0.1	9.0
212	Prado	3.189	0	0.0	0	0.0	0.0
213	Presidente Dutra	6	6	100.0	54	8.7	8.7
214	Queimadas	2.781	12	0.4	82	0.02	6.5
215	Quinique	164	0	0.0	0	0.0	0.0
216	Remanso	3.182	71	2.2	165	0.1	2.3
217	Retrolândia	54	0	0.0	0	0.0	0.0
218	Riachão do Jacuípe	877	1	0.1	1	0.001	1.0
219	Riacho de Santana	224	22	10.0	121	0.5	5.5
220	Ribeira do Amparo	131	0	0.0	0	0.0	0.0
221	Ribeira do Pombal	897	2	0.2	2	0.002	2.0
222	Rio de Contas	159	0	0.0	0	0.0	0.0
223	Rio do Antônio	122	3	2.5	30	0.2	10.0
224	Rio do Pires	5	5	100.0	56	11.2	11.2
225	Rio Real	17.840	19	0.1	95	0.001	5.0
226	Rodelas	72	0	0.0	0	0.0	0.0
227	Ruy Barbosa	1.776	173	10.0	603	0.5	5.0
228	Salinas da Margarida	1.882	0	0.0	0	0.0	0.0
229	Salvador	157.532	321	0.2	764	0.004	2.4
230	Santa Barbara	970	1	0.1	6	0.01	6.0
231	Santa Brigida	112	0	0.0	0	0.0	0.0
232	Santa Inês	320	13	4.1	70	0.2	5.4
233	Santa Luzia	171	2	1.2	7	0.04	3.5
234	Santa Maria da Vitória	49	11	22.4	35	0.7	3.2
235	Santanópolis	180	2	1.1	4	0.02	2.0
236	Santa Rita de Cássia	192	16	8.3	93	0.5	5.8
237	Santana	577	101	17.5	552	1.0	5.4
238	Santa Terezinha	1.869	14	0.7	30	0.02	2.1
239	Santo Amaro	30.090	172	0.6	518	0.02	3.0
240	Santo Antônio de Jesus	20.165	166	0.8	401	0.02	2.0
241	Santo Estêvão	1.251	122	10.0	533	0.4	4.4
242	São Desidério	8	8	100.0	20	2.0	2.0
243	São Felipe	3.412	793	23.3	3.518	2.6	11.1
244	São Felix	4.577	269	5.8	169	0.1	1.0
245	São Francisco do Conde	1.628	2	0.1	15	0.01	7.5
246	São Gonçalo dos Campos	15.352	101	0.7	201	0.02	2.0
247	São Miguel das Matas	484	27	5.6	98	0.2	3.6
248	São Roque do Paraguaçu	2.435	8	0.3	9	0.003	1.1
249	São Sebastião do Passé	19.340	6	0.03	32	0.001	5.3
150	Sapéçuá	16.213	275	1.7	1.262	0.05	3.0
251	Sátiro Dias	53	0	0.0	0	0.0	0.0
252	Saúde	2.561	15	0.6	161	0.1	10.7
253	Seabra	642	83	12.9	341	0.5	4.1
254	Sebastião Laranjeiras	51	7	13.7	44	1.0	6.3
255	Senhor do Bomfim	14.438	52	0.4	339	0.02	6.5
256	Santo Sé	83	31	37.3	561	6.8	18.0
257	Serra Dourada	57	57	100.0	366	2.9	2.9

(Continua)

TABELA II

NÚMERO DE LOCALIDADES E PRÉDIOS INSPECIONADOS PARA TRIATOMÍNEOS NO ESTADO DA BAHIA, DE 1957 ATÉ O ANO DE 1971

(Continuação)

N.º de Ordem	Municípios	Prédios			Triatomíneos		
		Insp.	Posit.	%	Capt.	média p/ prédios inspec.	média p/ prédios posit.
258	Serrolândia	627	5	0.8	32	0.05	6.4
259	Serra Preta	753	148	19.7	413	0.5	2.7
260	Serrinha	18.657	22	0.1	34	0.001	1.5
261	Simões Filho	11.080	1	0.01	2	0.001	2.0
262	Souto Soares	261	25	9.6	74	0.3	3.0
263	Tabocas	29	18	62.1	245	8.4	13.6
264	Tanhaçu	180	1	0.6	1	0.01	1.0
265	Tanquinho	657	20	3.0	19	0.03	1.0
266	Taperoá	10.259	0	0.0	0	0.0	0.0
267	Tapiramutá	108	1	0.9	5	0.1	5.0
268	Teodoro Sampaio	3.837	40	1.0	167	0.04	4.0
269	Teofilândia	177	2	1.7	7	0.04	2.3
270	Teolândia	245	0	0.0	0	0.0	0.0
271	Terra Nova	6.923	13	0.2	57	0.01	4.4
272	Tremedal	150	0	0.0	0	0.0	0.0
273	Tucano	1.575	17	1.1	35	0.02	2.1
274	Uauá	261	0	0.0	0	0.0	0.0
275	Ubaitaba	205	1	0.5	2	0.01	2.0
276	Ubaitaba	258	0	0.0	0	0.0	0.0
277	Ubatá	292	0	0.0	0	0.0	0.0
278	Ubiraitá	106	5	4.7	11	0.1	2.2
279	Una	506	0	0.0	0	0.0	0.0
280	Urandi	372	11	3.0	15	0.04	1.4
281	Urucaca	258	0	0.0	0	0.0	0.0
282	Utinga	9.547	57	0.6	113	0.01	2.0
283	Valença	35.345	17	0.04	35	0.002	6.1
284	Valente	908	1	0.1	2	0.002	2.0
285	Varzea do Poço	178	0	0.0	0	0.0	0.0
286	Vera Cruz	16.622	2	0.01	8	0.001	4.0
287	Vitória da Conquista	998	0	0.0	0	0.0	0.0
288	Wagner	233	0	0.0	0	0.0	0.0
289	Wenceslau Guimarães	105	0	0.0	0	0.0	0.0
290	Xique-Xique	94	8	9.0	126	1.3	16.0
	Total	889.972	7.696	1.0%	35.583	0.01%	5.0%

TABELA III

DISTRIBUICAO GEOGRAFICA DOS TRIATOMINEOS NO ESTADO DA BAHIA
(DE 1957 ATÉ O ANO DE 1971)

MUNICÍPIOS TRABALHADOS	LOCALIDADES POSITIVAS	ESPÉCIES																	
		1 - <i>P. megistus</i>	2 - <i>T. maculata</i>	3 - <i>T. sordida</i>	4 - <i>T. infestans</i>	5 - <i>T. rubrofasciata</i>	6 - <i>T. melanoccephala</i>	7 - <i>P. geniculatus</i>	8 - <i>T. brasiliensis</i>	9 - <i>P. lutzi</i>	10 - <i>P. cf. asi</i>	11 - <i>T. tibiamaculata</i>	12 - <i>T. petrochii</i>	13 - <i>T. passoti</i>	14 - <i>T. lenti</i>	15 - <i>T. bahiensis</i>	16 - <i>Ps. tertius</i>	17 - <i>R. neglectus</i>	18 - <i>T. costulimai</i>
Acajutiba	3	*	*																
Água Fria	2	*	*																
Alaquara	1	*	*																
Alagoinhas	23	*	*																
Amarosa	2	*	*																
Amélia Rodrigues	1	*	*																
Anagé	3			*													*		
Andaraí	10	*	*																
Angical	3			*		*				*									
Anguera	4	*	*																
Antônio Cardoso	10	*	*																
Antônio Gonçalves	2	*	*																
Aporá	14	*	*	*															
Araci	2	*	*							*									
Aratuípe	7	*	*																
Baixa Grande	14	*	*																
Barra	5			*															
Barra da Estiva	2			*															
Barreiras	4			*		*													
Boa Vista do Tupim	1		*	*	*	*													
Bom Jesus da Lapa	13		*	*	*	*													
Boninal	1		*	*															
Boqueira	1			*		*													
Brejões	7	*	*			*													
Brejoândia	1		*	*		*													
Brotas de Macaúbas	15		*	*	*	*							*	*					
Brumado	1			*		*													
Cachoeira	38	*	*																
Caculé	1			*		*													
Caen	2	*	*			*													
Caetité	5	*	*	*		*												*	
Cafarnaum	6	*	*	*		*													
Caldeirão Grande	1	*	*	*		*													
Campo Alegre de Lourdes	7	*	*	*		*													
Campo Formoso	16	*	*	*		*													
Canápolis	2	*	*	*		*													
Canavieiras	1	*	*	*		*													
Candeias	25	*	*	*		*													
Candeal	1	*	*	*		*													
Candiba	3	*	*	*		*													
Cansancão	2	*	*	*		*			*										
Cardeal da Silva	1	*	*	*		*			*										
Casa Nova	1	*	*	*		*			*										
Castro Alves	22	*	*	*		*			*	*									
Catú	6	*	*	*		*			*										
Central	1	*	*	*		*			*										
Chorrochó	1	*	*	*		*			*										
Cipó	2	*	*	*		*			*										
Conceição de Feira	23	*	*	*		*			*										
Conceição do Almeida	32	*	*	*		*			*										
Conceição do Jacuípe	16	*	*	*		*			*										
Conceição do Coité	3	*	*	*		*			*										
Conde	10	*	*	*		*			*										
Contendas	4	*	*	*		*			*										
Coração de Maria	19	*	*	*		*			*										
Coribe	2	*	*	*		*			*										
Coronel João Sá	1	*	*	*		*			*										
Correntina	15	*	*	*		*			*										
Cotegipe	3	*	*	*		*			*										
Cravolândia	1	*	*	*		*			*										

(Continua)

TABELA III

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS TRIATOMÍNEOS NO ESTADO DA BAHIA
(DE 1957 ATÉ O ANO DE 1971)

(Continuação)

MUNICÍPIOS TRABALHADOS	LOCALIDADES POSITIVAS	ESPÉCIES																	
		1 - <i>P. megastus</i>	2 - <i>T. maculata</i>	3 - <i>T. sordida</i>	4 - <i>T. infestans</i>	5 - <i>T. rubrofasciata</i>	6 - <i>T. melanocephala</i>	7 - <i>P. geniculatus</i>	8 - <i>T. brasiliensis</i>	9 - <i>P. lutei</i>	10 - <i>P. diasi</i>	11 - <i>T. tibiamaculata</i>	12 - <i>T. petrochii</i>	13 - <i>T. passoi</i>	14 - <i>T. lenii</i>	15 - <i>T. bahiensis</i>	16 - <i>Ps. tertius</i>	17 - <i>R. neglectus</i>	18 - <i>T. costalimai</i>
Crisópolis	2		*																
Cruz das Almas	29	*	*																
Curacá	3		*	*	*														
Don Macédo Costa	11	*	*	*	*				*										
Elizio Medrado	10	*	*	*	*														
Entre Rios	11	*	*	*	*														
Esplanada	6	*	*	*	*														
Euclides da Cunha	1	*	*	*	*														
Feira de Santana	83	*	*	*	*		*		*		*		*						
Glória	2	*	*	*	*				*	*		*							
Governador Mangabeira	28	*	*	*	*														
Guanambi	26	*	*	*	*														
Iaçu	1																		
Ibicuí	7			*	*												*		
Ibipeba	1			*	*														
Ibiquera	1	*	*	*	*														
Ibititá	1			*	*	*													
Ibotirama	2			*	*														
Igaporã	5	*	*	*	*														
Inhambupe	34	*	*	*	*														
Ipirá	38	*	*	*	*		*		*		*		*						
Ipupiara	6			*	*														
Irecê	5		*	*	*									*	*				
Iramaia	1			*	*														
Irará	23	*	*	*	*		*		*		*		*						
Iraquara	6	*	*	*	*														
Itaberaba	28	*	*	*	*		*		*		*		*						
Itaité	2			*	*														
Itagi	2	*	*	*	*														
Itamari	3	*	*	*	*														
Itanagra	6	*	*	*	*														
Itaparica	4	*	*	*	*														
Itapicuru	5		*	*	*														
Iuruçu	1	*	*	*	*														
Itaquara	1	*	*	*	*		*		*		*		*						
Itiúba	28	*	*	*	*		*		*	*	*		*						*
Iruaçu	11	*	*	*	*		*		*		*		*						
Jacaraci	1			*	*														
Jacobina	11	*	*	*	*														
Jaguaquara	2	*	*	*	*											*			
Jaguarari	1	*	*	*	*														
Jaguaripe	4	*	*	*	*														
Jandaira	1	*	*	*	*														
Jequié	2		*	*	*														
Jeremoabo	1		*	*	*				*		*		*						
Jequiricá	7	*	*	*	*														
Juazeiro	4		*	*	*														
Jussara	1		*	*	*														
Jussiape	1		*	*	*														
Lafaiete Coutinho	2	*	*	*	*														
Lage	2	*	*	*	*														
Lagedinho	7	*	*	*	*														
Lamarão	2		*	*	*		*		*		*		*						
Lençóis	25	*	*	*	*														
Livramento do Brumado	7	*	*	*	*														
Macaúba	17	*	*	*	*														
Macaúbas	13		*	*	*								*	*					
Mairi	7	*	*	*	*														
Malhada	1		*	*	*														
Malhada de Pedra	1		*	*	*														
Maragogipe	29	*	*	*	*											*			
Mata de São João	11	*	*	*	*														
Miguel Calmon	6	*	*	*	*														
Mirangaba	2	*	*	*	*														

(Continua)



Fig. 1 — Aspecto de uma vila cujas casas são infectadas com triatomíneos; Fig. 2 — Inspeção de uma casa para verificação de triatomíneos; Figs. 3 e 4 — Locais peridomiliares onde se coletaram triatomíneos.

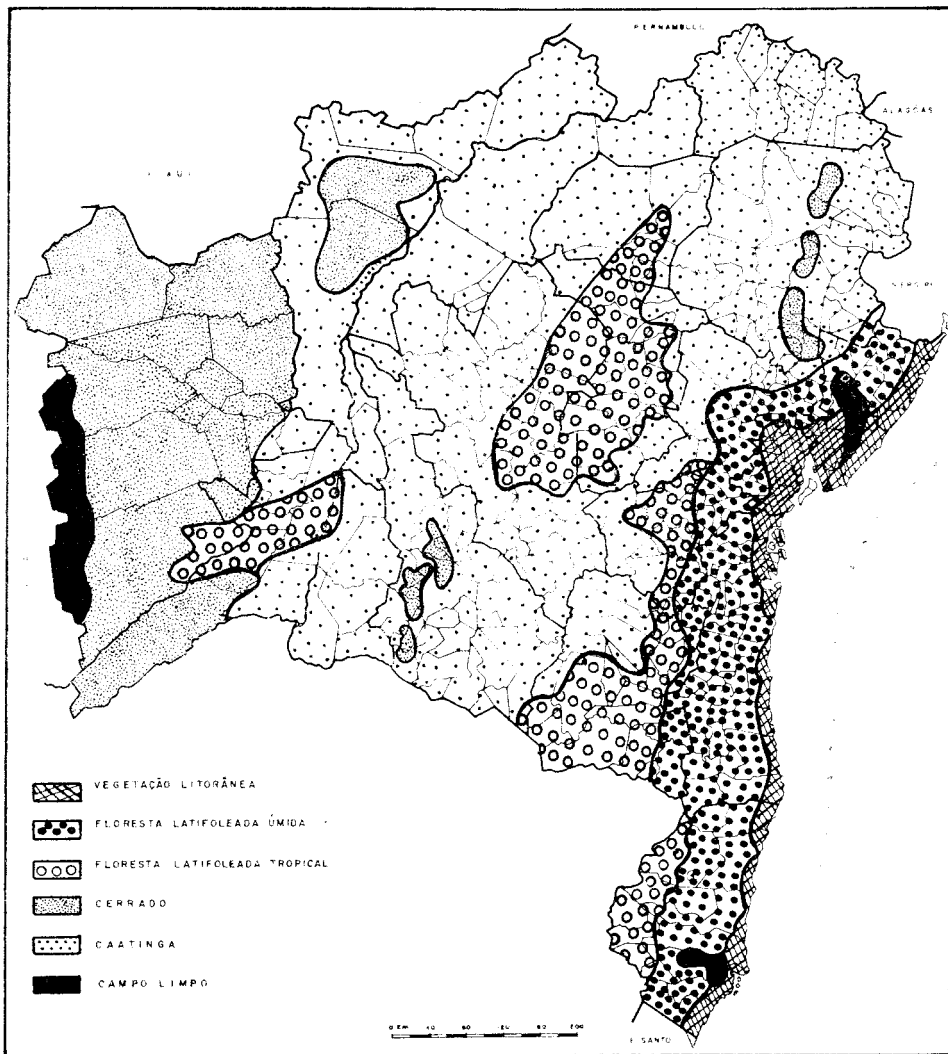


Fig. 5 — Tipos de vegetações do Estado da Bahia, adaptados da "Publicação Especial A Bahia Atrai Indústrias" 1962, por sua vez extraído do Atlas do CNG, com adaptações e detalhes do CPE.

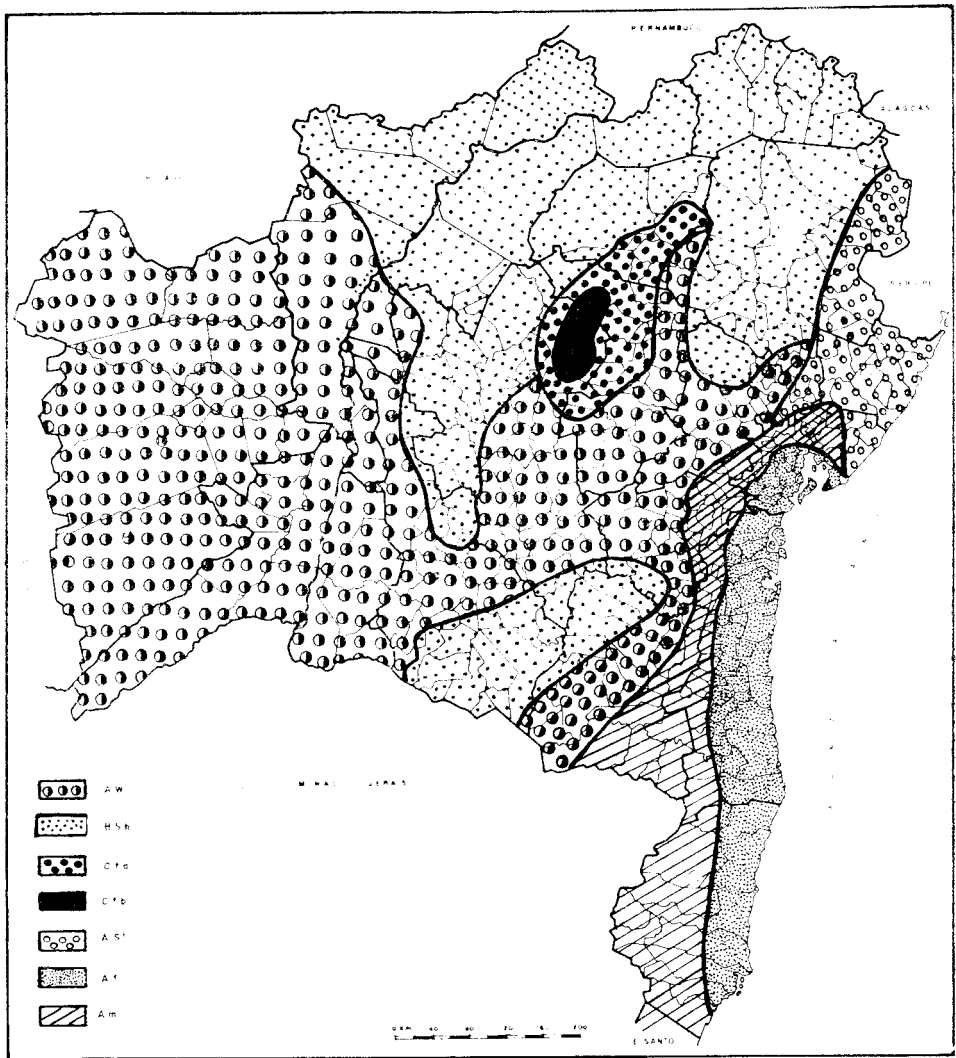


Fig. 6 — Climas do Estado da Bahia, segundo a classificação de Köppen. Adaptado de Andréa (1962) — "Chuvas da Bahia".

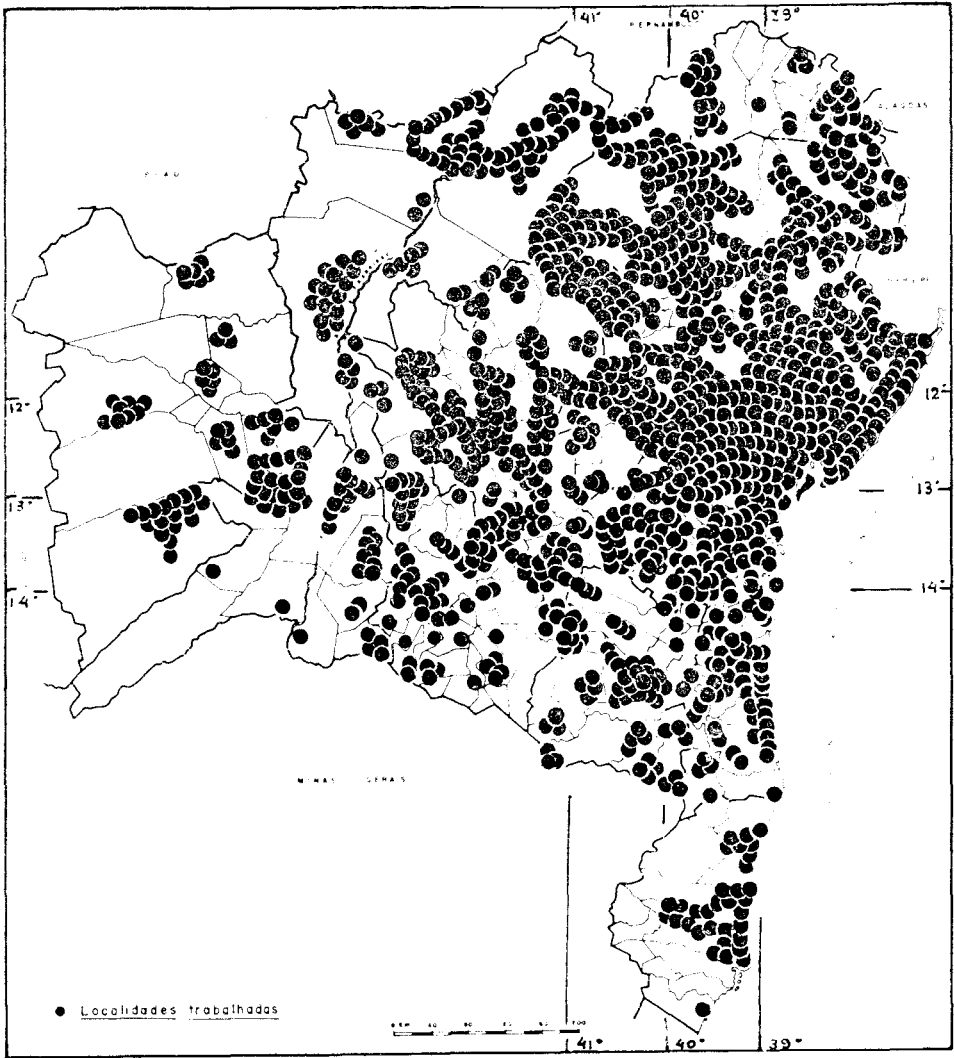


Fig. 7 — Localidades do Estado da Bahia pesquisadas para triatomíneos.

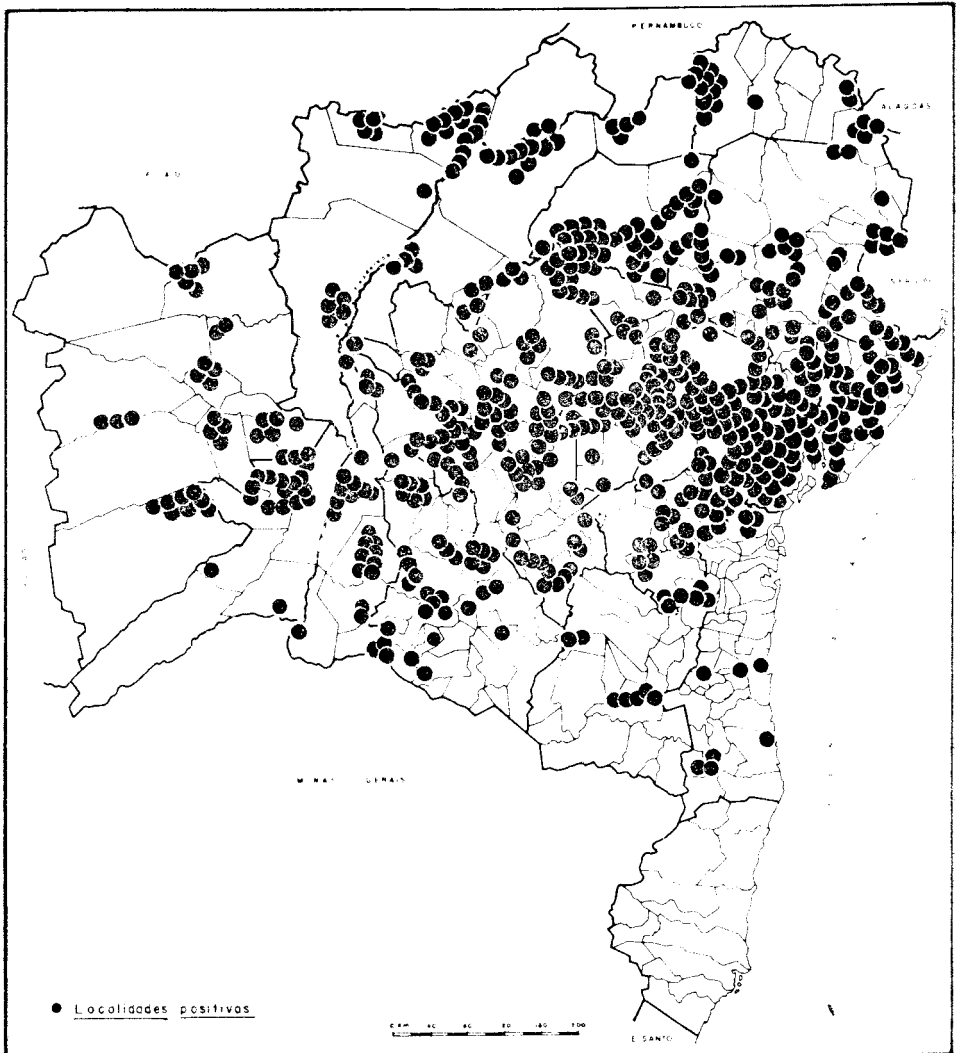


Fig. 8 — Localidades do Estado da Bahia positivas para triatomíneos.

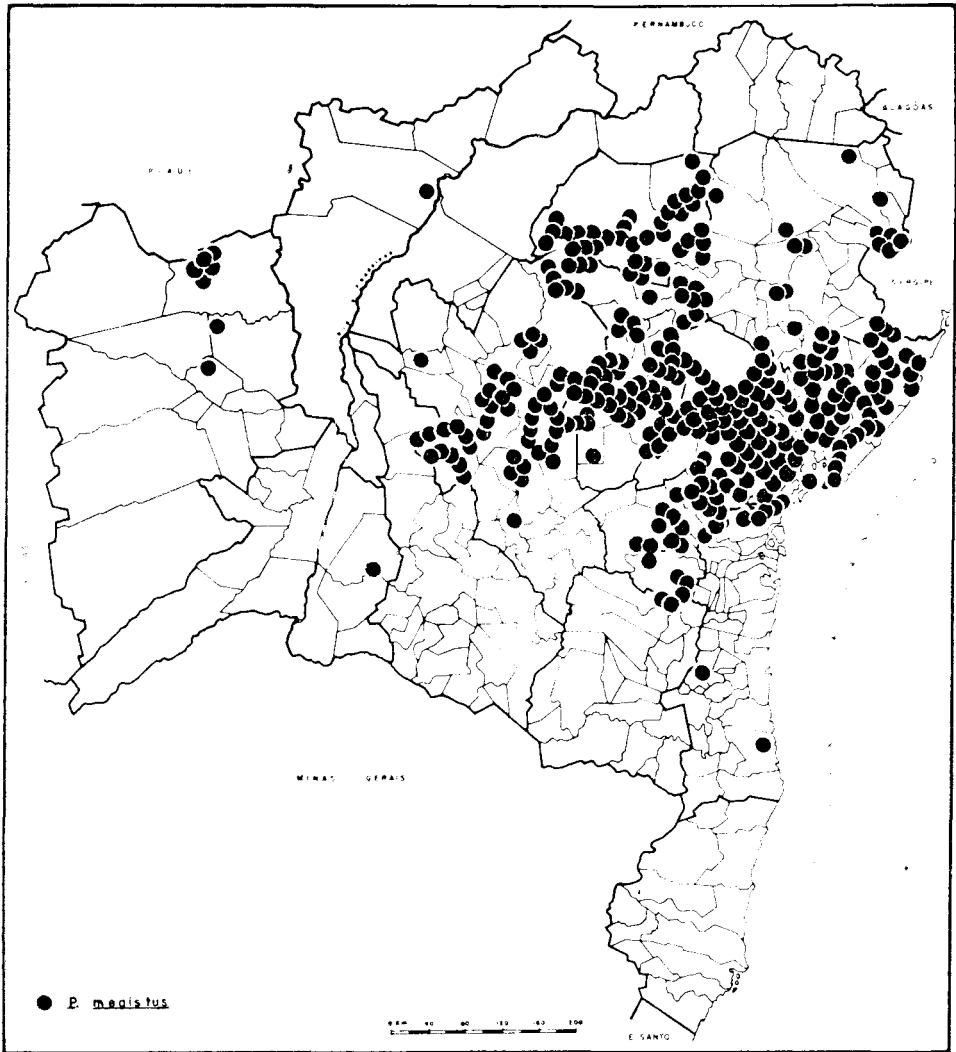


Fig. 9 — Distribuição geográfica de *P. megistus* no Estado da Bahia.

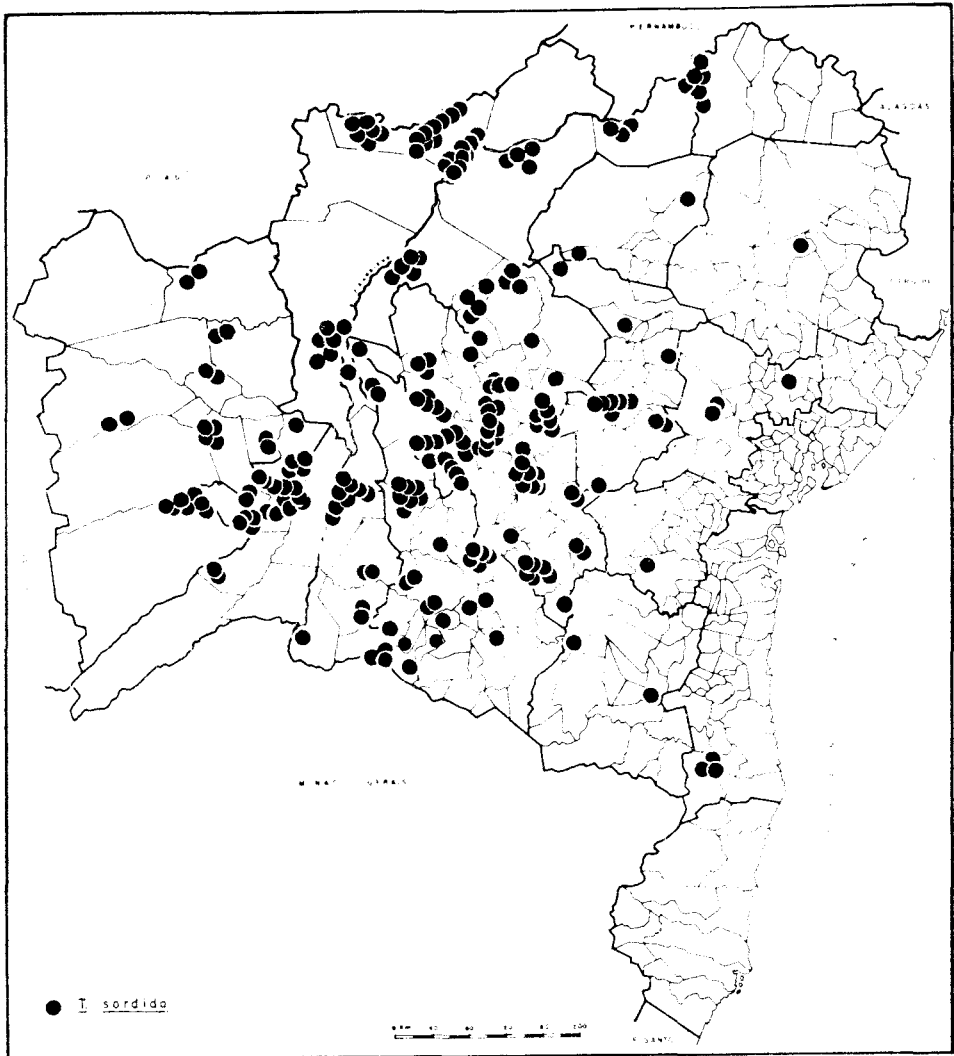


Fig. 10 — Distribuição geográfica de *T. sordida* no Estado da Bahia

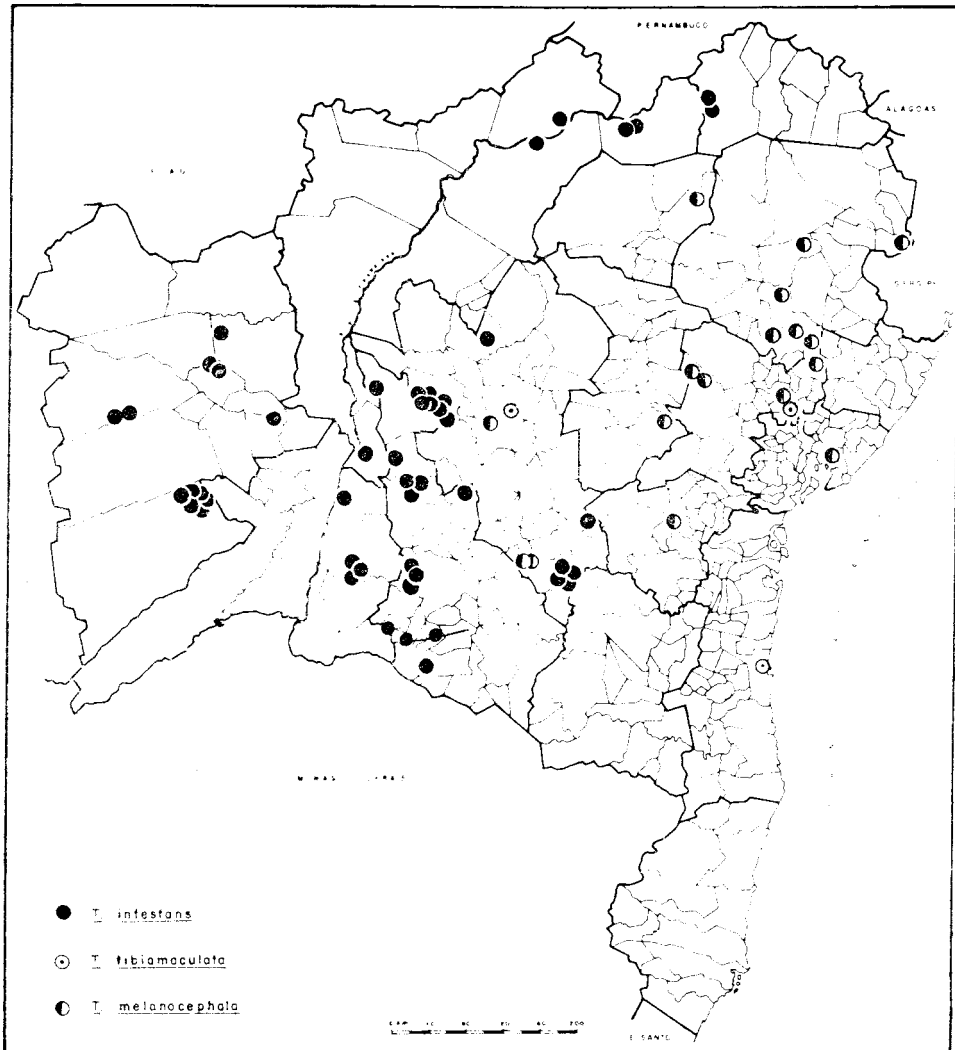


Fig. 11 — Distribuição geográfica de *T. infestans*, *T. tibiamaculata* e *T. melanocephala* no Estado da Bahia.

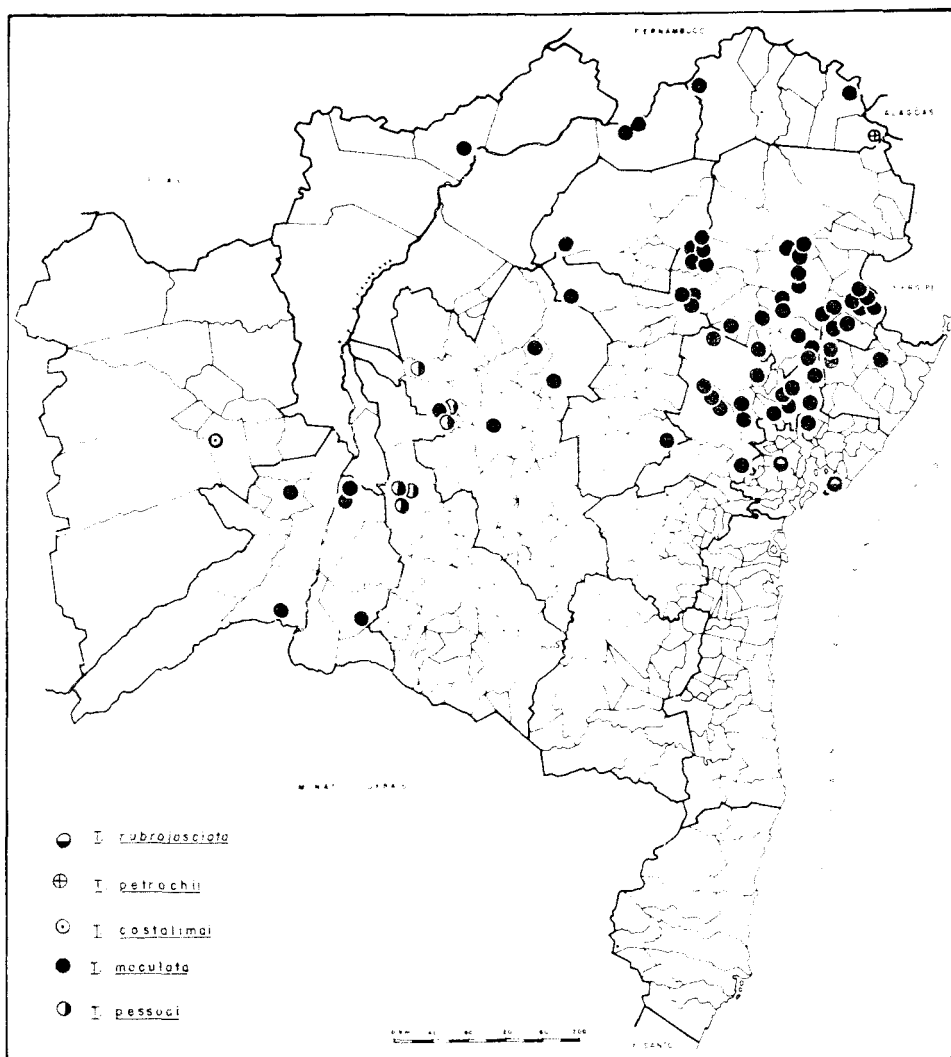


Fig. 12 — Distribuição geográfica de *T. maculata* e *T. pessoai*, *T. petrochii*; *T. costalimai*; *T. rubrofasciata* no Estado da Bahia.